

# FORMAÇÃO DO POVO DE ISRAEL



UMA INTRODUÇÃO À BÍBLIA

VOL. **2**



Ilido Bohn Gass (Org.)

# Uma introdução à Bíblia

## FORMAÇÃO DO POVO DE ISRAEL

PRIMEIRO TESTAMENTO

*A serviço da leitura  
libertadora da Bíblia*

VOLUME 2

*Ildo Bohn Gass (Org.)*

2ª edição — 2011

Reimpressão: 2014

Digitalizado por: Jolosa

© Centro de Estudos Bíblicos – 2002  
Rua João Batista de Freitas, 558  
B. Scharlau – Caixa Postal 1051  
93121-970 São Leopoldo/RS  
Fones: (51) 3568-2560  
Fax: (51) 3568-1113  
cebi@cebi.org.br  
www.cebi.org.br

© PAULUS – 2002  
Rua Francisco Cruz, 229  
04117-091 – São Paulo/SP  
Fone: (11) 5084-3066  
Fax: (11) 5579-3627  
www.paulus.com.br  
editorial@paulus.com.br

Elaboração: Ildo Bohn Gass

Revisão: Francisco Orofino, José Edmilson Schinelo, Luiz José Dietrich,  
Mária Soave Buscemi, Monika Ottermann, Remí Klein, Sebastião Arman-  
do Gameleira Soares, Elaine Glaci Neuenfeldt

Capa: Rodrigo Fagundes

Foto da Capa: Maria Luján Manzotti

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

2ª edição: 2011

Reimpressão: 2014

ISBN: 978-85-7733-134-5

Foto capa: Santo dos Santos de um santuário em Arad, no deserto do Negueb, a 60 km ao sul de Jerusalém. No primeiro plano, temos dois altares e, ao fundo, um par de pedras que simbolizam duas divindades, provavelmente um Deus masculino e uma Deusa. Arad é citada na Bíblia em Nm 21,1-3; Js 12,14; Jz 1,16.

## Sumário

Introdução .....	7
1 A Terra de Israel no meio de reinos e impérios .....	11
1.1 Uma experiência não muito distante de nós .....	11
1.2 A terra de Israel no meio de reinos e impérios.....	18
2 Formação do Povo de Israel .....	29
2.1 Hipóteses da formação de Israel.....	30
2.2 Uma experiência plural.....	33
2.3 Principais grupos que participaram na formação de Israel..	34
a) Camponeses de Canaã empobrecidos, endividados e escravizados.....	34
b) Pastores seminômades de Canaã.....	39
c) Trabalhadores forçados vindos do Egito .....	45
d) Pastores seminômades vindos do Sinai em Madiã .....	57
e) Outros grupos.....	62
3 Tribos de Israel – um novo jeito de conviver.....	63
3.1 Organização em tribos.....	66
3.2 Principais características do projeto tribal.....	69
a) Solidariedade econômica .....	70
b) Poder partilhado.....	72
c) Leis a serviço da vida .....	74
d) Fé no Deus libertador .....	83
e) Exército popular de defesa .....	86
f) Quadro comparativo: Sistema dos reis X Sistema tribal	89
Conclusão .....	91
Sugestão de leitura.....	95

## Introdução

Neste segundo volume da Série, vamos continuar nossa caminhada pelo mundo das Escrituras.

No primeiro volume, nosso interesse se voltou para questões introdutórias à Bíblia, tais como “A Bíblia é luz para o nosso caminhar”, “Autoria dos livros da Bíblia”, “Bíblia, Palavra de Deus na palavra humana”, “Universalidade da Revelação” e outras.

Agora, vamos dar um passo a mais. Vamos procurar entender um pouco melhor a **formação de Israel** nos seus primórdios, bem como sua **organização em forma de tribos**.

### Um pouco de memória

Para isso é bom lembrar algumas coisas sobre as quais já conversamos no volume anterior. Lá, dizíamos que é importante ler a Bíblia como um documento que pretende revelar a presença misteriosa de Deus na vida. Ela, antes de tudo, é uma reflexão de fé sobre a história do povo e a ação de Deus na história.

Nesse sentido, os textos sagrados não são simples relatos históricos. São antes uma leitura teológica, isto é, uma reflexão de fé sobre a vida, sobre a presença de Deus nos acontecimentos.

Isso não significa que não haja elementos históricos nos textos bíblicos. Certamente os há. Mas isso não quer dizer que sejam uma crônica, uma filmagem dos fatos. Querem, sim, mostrar o sentido dos fatos.

Você lembra que solicitamos inclusive que comparasse alguns textos bíblicos para perceber que não podemos lê-los ao pé da letra? Se agora queremos refletir sobre a origem, a formação de Israel, não podemos, pois, imaginar que a libertação e a partilha da terra entre as tribos tenham sido tal e qual como nos são relatadas no livro de Josué.

É verdade que esse livro contém histórias muito antigas. Mas não foi escrito de uma só vez. Em cada época diferente, a redação criou uma visão dos fatos. E só chegou a ser definitivamente escrito pelo século IV a.C., depois do exílio na Babilônia. Isso quer dizer que uns 900 anos separam os fatos históricos de sua descrição final no livro de Josué, uma vez que eles aconteceram ao redor de 1200 a.C. E quando descritos, a intenção dos redatores foi teológica, como testemunho de fé.

### Nossas motivações

Não é, pois, uma tarefa fácil reconstruir o período de formação de Israel entre os anos de 1200 a 1000 a. C. Tudo o que se disser não passa de

*A arqueologia é a ciência que estuda a vida e a cultura dos povos antigos por meio de escavações ou através de documentos, monumentos e objetos por eles deixados.*

probabilidade. É hipótese, possibilidade. Cada hipótese se constrói com a ajuda de textos da própria Bíblia, de documentos históricos extrabíblicos e da arqueologia. Assim se pode chegar próximo àquilo que deve ter acontecido naquele tempo.

A organização em forma de tribos em Israel foi uma experiência ímpar e exemplar. Não é por acaso que o êxodo, isto é, a luta por vida em terra livre, motivada pela fé no Deus libertador, seja o eixo

fundamental de toda a Bíblia. A experiência do êxodo também está na origem da formação das tribos.

Não será também sem razão que, ao ser destruída a experiência tribal pela monarquia, a profecia condene o reinado e anuncie que o sistema tribal está mais de acordo com os desígnios de Deus, pois promove a vida e a liberdade.

Também não será sem motivo que as primeiras comunidades cristãs nos apresentem Jesus como aquele que, tal como Moisés, veio trazer um novo êxodo, uma nova Páscoa.

Não terá sido por acaso que Jesus tenha escolhido simbolicamente 12 apóstolos, para, entre outras coisas, nos dizer que sua prática de instaurar

o Reino de Deus aponta para uma sociedade como a das 12 *tribos*, onde não há rei, pois esse título pertence somente a Deus.

São fundamentalmente essas as motivações que nos levam a refletir um pouco mais demoradamente sobre o processo que deu origem à experiência tribal. Desse modo, a espiritualidade presente nos grupos que dele participaram certamente será luz, será fonte para iluminar e irrigar a nossa mística e luta hoje. É que também nós estamos na mesma caminhada, isto é, queremos concretizar nossa esperança por vida e liberdade em experiências alternativas àquilo que nos propõe o mundo.

### **Leitura da Bíblia na perspectiva de gênero**

Convém lembrar, desde o início deste estudo, que a organização social preponderante dos povos na época da formação de Israel é “patriarcal”, isto é, a autoridade está com os pais, os maridos. No patriarcado há uma divisão fixa entre papéis masculinos e femininos na sociedade. Isso significa que o patriarcado marcou forte presença também nas tribos israelitas. Houve grandes avanços nas relações econômicas, políticas e religiosas. Mas nas relações de gênero nem tanto.

*“Mais que aprender a Bíblia, importa aprender dela o jeito de Deus.”*

Toda a Bíblia foi escrita numa cultura fortemente patriarcal. Por isso é importante ler todas as Escrituras na perspectiva de gênero, isto é, ter espírito crítico frente a tudo o que faz parte da cultura patriarcal, por um lado, e, por outro, ter critérios norteadores que nos ajudem a perceber que o plano de Deus é que haja a mesma dignidade para os homens como para as mulheres.

Lembramos aqui três critérios que apontam nessa direção:

- Na primeira página da Bíblia (Gn 1,27), quando fala da criação, diz que Deus criou as pessoas, tanto a mulher como o homem, à sua imagem e semelhança. São, pois, iguais diante de Deus. Se no nosso cotidiano não o são, isso é produto cultural e não vem de Deus, pois ambos são da mesma natureza (Gn 2,23).

- A prática de Jesus que resgatou a dignidade das mulheres, de modo que ficassem em pé de igualdade com os homens.
- Nos primeiros escritos da era cristã, o apóstolo Paulo afirma categoricamente que, para as pessoas batizadas, não pode haver diferenças étnicas (judeus e gregos), sociais (escravos e livres) e de gênero (homens e mulheres). Veja Gl 3,27-28!

Ao estudarmos as Escrituras, mais do que apenas enriquecer nossos conhecimentos teóricos, fundamentalmente buscamos luzes e modelos que iluminem nosso esforço de fidelidade ao pedido de Jesus que nos convida à solidariedade, ao anúncio e à vivência dos valores do Reino de Deus, inclusive o da parceria nas relações de gênero.

### **Este volume**

No segundo volume desta série, você poderá acompanhar os três primeiros séculos da vida do povo de Israel, isto é, os séculos XIII a XI a.C. É o período da formação do povo.

Depois de refletirmos um pouco sobre a experiência do Quilombo de Palmares, analisaremos as diferentes experiências que contribuíram para a formação do povo de Israel.

Você logo verá como a formação das tribos israelitas tem muito em comum com a formação dos quilombos no Brasil.

Faremos também um estudo sobre o novo jeito de conviver e de se organizar concretizado pelas tribos israelitas naquele tempo.



# 1 A Terra de Israel no meio de reinos e impérios

## 1.1 Uma experiência não muito distante de nós

### *Canaã foi colônia egípcia. O Brasil foi colônia portuguesa*

Durante 390 anos, o Brasil viveu sob o sistema político da *monarquia*, seja enquanto colônia dos monarcas portugueses, seja enquanto império “independente” de Portugal. As relações econômicas, de trabalho, eram escravocratas. Os homens livres pagavam pesados tributos à coroa, à custa de muito suor e sangue dos escravos. O Brasil, portanto, pertencia a um reinado tributário baseado na escravidão, no qual o imperador exercia um poder absoluto. A seu serviço estavam o pessoal da corte, o exército, a justiça, os latifundiários, os mercadores e não raras vezes a própria Igreja.

### *O povo resiste*

A partir de 1500, temos, no Brasil, uma colônia que sustenta um estado com tributos ou impostos e se mantém com a exploração da mão de obra escrava. As etnias indígenas e africanas poucos ou praticamente nenhum direito têm. Vivem à margem. Estão excluídas. Não são gente, mas objeto de compra e venda. São literalmente “*hebreus*”, isto é, estão à margem, longe do direito fundamental à dignidade.

A imposição do *reinado* não foi tão pacífica assim. Houve focos de resistência em vários pontos do país. Por um lado, contra a coroa quando esta ainda se encontrava em Portugal. Por outro lado, houve também resistência contra a coroa quando esta já se instalara no Rio de Janeiro.

A palavra “*hebreus*”, indica uma condição social: pessoas marginalizadas, excluídas.

Também a imposição da *escravidão* teve muita resistência. Quantas pessoas indígenas foram mortas porque se negaram a servir aos novos senhores como escravas? Quantos milhões de negros e negras foram trazidos

acorrentados de sua pátria mãe, onde eram caçados como animais e batizados sob os signos da cruz e da marca com ferro em brasa?

Os senhores de engenho escravizavam e matavam escravos indígenas ou negros, mas não podiam matar o desejo de vida digna na liberdade. Foi nessa luta por cidadania que especialmente pessoas escravas fugiram das senzalas, seus alojamentos, e dos engenhos de cana-de-açúcar. Libertaram-se dos faraós do seu tempo, enfrentando os capatazes e fugindo para espaços ainda não ocupados e de difícil acesso, isto é, as montanhas, especialmente as do Nordeste brasileiro.

### *O Quilombo de Palmares*

Aqui, vamos nos deter na experiência do Quilombo de Palmares. Quilombo quer dizer *povoação, união*. Foi assim que os fugitivos chamavam seus povoados livres.

#### *Sua origem*

A origem do Quilombo de Palmares é anterior a 1600. Começou quando escravos e escravas de um engenho de cana se rebelaram. Para não serem capturados pelos capitães do mato, profissionais na perseguição aos fugitivos decidiram ir para uma região coberta de florestas e montanhosa. Era um lugar desconhecido, perigoso e temido pelos brancos. É a região de Palmares, assim chamada por causa da presença de muitas palmeiras. A floresta se estendia por muitas serras cercadas por precipícios. A primeira aldeia foi fundada na Serra da Barriga, no atual estado de Alagoas.

No começo, viviam de caça, pesca e coleta de frutos. Pouco a pouco, novos fugitivos chegavam. A população aumentou, bem como a produção econômica. Os palmarinos plantavam milho, feijão, mandioca, cana, batata, legumes, árvores frutíferas. Tanto o preparo da terra para a plantação como as colheitas eram comemoradas com festas. Criavam também animais domésticos como galinhas e porcos.

#### *As povoações*

Aos poucos, foram surgindo várias povoações na região de Palmares. Cada quilombo tinha sua defesa. Estava cercado com fileiras de estacas, muros de pedra ou ainda fossos. Era uma defesa militar popular.

Palmares chegou a ter 11 povoações conhecidas, chegando a cobrir uma área de 350 quilômetros de norte a sul, em terras que hoje pertencem a Pernambuco e Alagoas. *Macaco* era a capital da República de Palmares e chegou a ter cerca de 8 mil habitantes.

### ***A população de Palmares***

A população de Palmares estava aberta a todos os perseguidos pelo sistema colonial. Vinham pessoas negras das mais diferentes origens africanas, inclusive com diferentes tradições religiosas e de costumes. Vinham indígenas, descendentes de europeus pobres, vinham mestiços.

O que os unia era o fato de que todos eram pobres e oprimidos. De Palmares fizeram uma sociedade sem exclusão, sem miséria, sem preconceito de cor ou de etnia. Não havia divisão entre ricos e pobres, explorador e explorado.

Palmares chegou a ter mais de 20 mil pessoas. Cresceu porque escravos de muitos engenhos, sabendo da possibilidade de viver em liberdade, fugiam para lá.

A necessidade de sobreviver em um local difícil e de se defender dos ataques portugueses levava os palmarinos a descer a serra e procurar libertar mais escravos. Muitas mulheres livres fugiam espontaneamente com eles. Também muitos indígenas abandonavam as missões dos jesuítas e iam para Palmares.

Além de libertar mais escravos, os palmarinos também faziam as incursões nas cidades a fim de buscar armas, munição e ferramentas de trabalho. Atacavam também os portugueses na estrada que ligava Alagoas a Recife e Olinda, recuperando o fruto do trabalho dos escravos de Alagoas, de onde vinha o abastecimento daquelas duas cidades.

Os portugueses procuravam reprimir Palmares. Mas todas as expedições fracassavam. Em Palmares, os negros cantavam: “*Folga, nego, que branco não vem cá. Se vier, o diabo há de levar. Folga, nego, que branco não vem cá. Se vier, pau há de levar*”.

***Em Palmares, os negros cantavam:  
“Folga, nego, que branco não vem cá.  
Se vier, o diabo há de levar. Folga, nego, que branco não vem cá. Se vier, pau há de levar”.***

## *A organização social e política*

Dentro dos povoados, havia uma rua. Os maiores tinham três a quatro ruas, ao longo das quais havia casas de madeira, cobertas com folhas de palmeiras. No centro, havia um largo, com uma casa de reuniões, uma capela, oficinas de artesãos, mercado e poço.

Cada povoado tinha um chefe, escolhido por sua força, inteligência e habilidade. Tinha também um conselho, que controlava o chefe. A organização social e política era fraterna e democrática.

As decisões sobre os problemas mais difíceis eram tomadas em uma assembleia geral, da qual participavam todos os adultos da povoação.

No começo, cada povoado palmarino tinha sua autonomia. Mas, com o início dos ataques dos portugueses, a necessidade de defesa levou à organização de um governo central. O chefe central era eleito. Poucos de seus poderes eram absolutos. A república continuava sendo uma sociedade nova, original, marcada pela luta contra a escravidão, fraternal, livre, mas que precisava de um poder central para articular a defesa militar dos povoados.

Havia, no entanto, desigualdade de gênero, fruto da cultura patriarcal.

Havia leis rigorosas, com pena de morte para roubo, adultério, homicídio e deserção ou fuga. A língua falada era uma linguagem própria, misturando português, línguas africanas e indígenas.

*Para Zumbi, o mais importante não era ele viver livre, mas libertar todos os negros ainda escravos.*

## *A religião de Palmares*

Na religião, combinavam elementos das tradições religiosas africanas e cristã. As capelas tinham imagens dos dois tipos.

A religião e a língua eram inclusivas. Incluíam a todos, sem privilegiar um grupo em detrimento de outro. Para isso, os palmarinos pegavam no catolicismo aquilo que ele tem de libertador, de cristão. Jogavam fora aquele catolicismo ensinado pelos padres nas senzalas, ensinando escravos e escravos a serem passivos e submissos a seus senhores de engenho. As mulheres tinham papel destacado nos cultos.

Palmares colocou a libertação acima das tradições religiosas. Tudo o que podia dividir foi modificado, como a língua e a religião. A religião estava a serviço da vida.

### ***As elites perseguem o novo que nasce***

As perseguições contra Palmares já iniciaram em 1602. Naquele ano, aconteceu o primeiro ataque. Mas a expedição nada conseguiu. Os senhores de engenho estavam interessados em arrebentar com as rebeliões de escravos.

Os oficiais militares queriam impressionar o rei de Portugal e ganhar vantagens. Havia também aqueles que queriam capturar os palmarinos para vendê-los novamente como escravos.

### ***As elites se unem para combater o povo que resiste***

De 1630 a 1654, os holandeses ocuparam a capitania de Pernambuco. Até certo ponto, Palmares saiu ganhando com isso, uma vez que os portugueses passaram a guerrear com os holandeses. E enquanto os senhores de engenho estavam ocupados com a guerra com os holandeses, muitos escravos aproveitaram a situação e fugiram para os quilombos. Palmares continuava crescendo tanto que até portugueses e holandeses se uniram para atacar um “inimigo comum”. Os palmarinos se defendiam heroicamente.

### ***Os ataques se sucedem***

Depois da expulsão dos holandeses em 1654, o governador de Pernambuco continuou organizando várias expedições contra os povoados de Palmares. Mas sempre foi derrotado. As matas fechadas, as montanhas e os despenhadeiros ajudavam nas táticas de defesa. Não havia caminhos. As expedições normalmente eram vencidas pela fome, pelo cansaço, por doenças. Os palmarinos sempre se retiravam para as florestas, atraindo as tropas para emboscadas.

Em 1672, sob o comando de um jovem negro, chamado Zumbi, os palmarinos derrotaram um exército de 600 soldados. A essa altura, a guerra contra Palmares já era uma questão de honra para a coroa portuguesa. Outras grandes expedições fracassaram. Os portugueses vacilavam entre guerrear ou negociar com Palmares, pois parecia impossível vencê-los pelas armas.

## ***O acordo não cumprido***

Em combates de 1677, os portugueses capturaram alguns parentes de Ganga-Zumba, que, nessa ocasião, era o chefe central. Os portugueses, então, propuseram uma negociação. Ganga-Zumba aceitou o acordo que propunha:

- liberdade para os nascidos em Palmares;
- terra para viverem e cultivarem;
- garantia de comércio com os moradores vizinhos;
- volta à escravidão dos negros nascidos fora de Palmares.

Mas apenas um grupo de palmarinos acompanhou Ganga-Zumba nesse acordo.

A maioria dos palmarinos considerou uma traição aceitar tal acordo.

Então, a liderança foi confiada a Zumbi, que era chefe de um dos povoados e também das forças armadas de Palmares. Zumbi nasceu em Palmares em 1655. Feito prisioneiro ainda recém-nascido, foi entregue a um padre, que o educou, ensinando-lhe latim, português e o amor à vida livre. Aos 15 anos, fugiu para Palmares. Para Zumbi, o mais importante não era ele viver livre, mas libertar todos os negros ainda escravos. Por isso, assumiu a luta de seu povo até a morte, reorganizando toda a vida de Palmares em função da guerra. Zumbi jamais aceitou qualquer acordo. Sabia que não se pode confiar nos reis, nos senhores de escravos.

***Zumbi preferiu lutar até a morte pela liberdade do povo negro.***

Os portugueses não cumpriram o acordo que fizeram com Ganga-Zumba, que foi envenenado pelos negros que o haviam acompanhado e se viram traídos. Muitos negros voltaram a Palmares, passando informações e armas aos palmarinos.

## ***Entram em cena os bandeirantes paulistas***

Depois de novas expedições fracassadas, o governador pernambucano contratou os bandeirantes de São Paulo. Estes eram paulistas da cidade litorânea de São Vicente que, em bandos organizados, caçavam índios para vendê-los como escravos ou trocá-los por minérios. Quando os índios se defendiam, os bandeirantes os acusavam de “ferozes” e os matavam em “justa defesa”, apossando-se de suas terras. Houve muitos conflitos com

os jesuítas, que organizavam os índios em missões para se protegerem contra os bandeirantes.

Em 1692, um dos chefes bandeirantes, Domingos Jorge Velho, chegou a Palmares, mas foi rechaçado pelo exército de Zumbi. Cego de ódio, descarregou sua loucura e degolou 200 índios. No mesmo ano, o padre Antônio Vieira escreveu ao rei de Portugal dizendo que não havia nenhuma possibilidade de negociação com os palmarinos. Se continuassem livres em Palmares e em paz, seriam um mau exemplo aos escravos. O único jeito era destruir totalmente Palmares.

### ***Destruição final do projeto alternativo de Palmares***

Em 1694, aconteceu o último e derradeiro combate. A tropa que se formou tinha 9 mil homens. Chegando a Macaco, capital da República dos Palmares, por duas vezes teve que recuar. Domingos Jorge Velho encomendou novos reforços, que chegaram com canhões. Houve, então, uma grande batalha. Os palmarinos lutavam bravamente. Muitos fugiram para a mata. Domingos Jorge Velho saqueou e incendiou Macaco. Na mata, Zumbi tentou reorganizar o exército. Mas em 20 de novembro de 1695, ele foi morto, depois que prisioneiros de guerra, sob tortura, revelaram o esconderijo do grande líder. Zumbi preferiu lutar até a morte pela liberdade do povo negro.

Com a destruição dessa experiência alternativa, solidária na sua convivência e organização, as terras de Palmares foram divididas entre senhores de engenho.

### ***Os quilombos do Brasil e as tribos de Israel***

Nessa altura da reflexão, você pode estar a nos perguntar: “*Os quilombos no Brasil têm alguma coisa a ver com a Bíblia?*”. E nós respondemos: “*Sim. E muito!*”.

Para nós hoje, que também sonhamos com mais vida e liberdade para todas as pessoas, as experiências dos quilombos, como também da vida tribal indígena, inspiram modelos de convivência que alimentam nossa mística, nossa espiritualidade em nosso engajamento pelo resgate da cidadania.

A sociedade tribal israelita também se tornou exemplar, modelar, para o povo hebreu.

Tendo como pano de fundo a formação dos quilombos no Brasil, não será tão difícil compreendermos a experiência tribal israelita por volta de 1200 a.C. Pois, então, vamos lá.

### **Para você continuar a reflexão**

1. Você já conhecia essa história do Quilombo de Palmares? Já ouviu versões diferentes da mesma?
2. O que mais impressiona você nessa história?
3. Qual é a relação dessa história com a do povo da Bíblia?
4. Que outra experiência ou movimento de luta por vida em terra livre você conhece?

## **1.2 A Terra de Israel no meio de reinos e impérios**

Antes de tudo, convém que esclareçamos como eram naquele tempo, as sociedades na terra de Canaã, bem como no Egito.

*Convém que você confira em sua Bíblia todos os textos bíblicos citados, mesmo aqueles em que não se pede explicitamente sua leitura. Porém, quando há muitas citações lado a lado, você pode optar por uma ou outra.*

A história de Israel se desenvolve numa terra determinada. Leva as marcas de sua localização geográfica. O local onde se desenrola esta história influi no seu desenvolvimento.

### ***Os nomes da Terra Prometida***

Antes da formação do povo de Israel, essa terra era chamada *Terra de Canaã*. Aí viviam os povos cananeus.

A partir da organização das tribos israelitas, passou a ser chamada *Terra de Israel*, *Terra Prometida* ou ainda *Terra Santa*.

Em 931 a.C., após a morte do rei Salomão, houve a divisão do reino. A parte Norte ficou conhecida como *Reino de Israel* ou Reino do Norte. E a parte Sul foi chamada de *Reino de Judá* ou Reino do Sul.

No tempo de Jesus, os romanos passaram a chamar toda a região de *Palestina*. As três províncias mais lembradas no Segundo Testamento são: *Judeia* ao sul, *Samaria* o centro e *Galileia* ao norte.



## ***A Terra de Israel na dependência do clima e de impérios***

Como já vimos, a terra de Israel está delimitada pelo Mar Mediterrâneo a oeste e pelo deserto a leste. É uma pequena faixa de terra prensada entre o mar e o deserto. Sua vegetação depende das chuvas que vêm do lado do mar. Em Canaã, o verão é seco e o inverno é chuvoso. Não só a chuva umedece as terras, mas também o orvalho desempenha papel importante no verão seco, viabilizando alguma vegetação em regiões áridas. A maioria dos rios e riachos não existe durante o ano todo, mas somente na época das chuvas.

A terra de Israel situa-se também entre dois grandes sistemas fluviais, isto é, entre o Rio Nilo no Egito e os rios Tigre e Eufrates na Mesopotâmia, onde fica hoje o Iraque. Junto a esses rios caudalosos, a vegetação é vigorosa, e grandes impérios se desenvolvem ao longo da história.

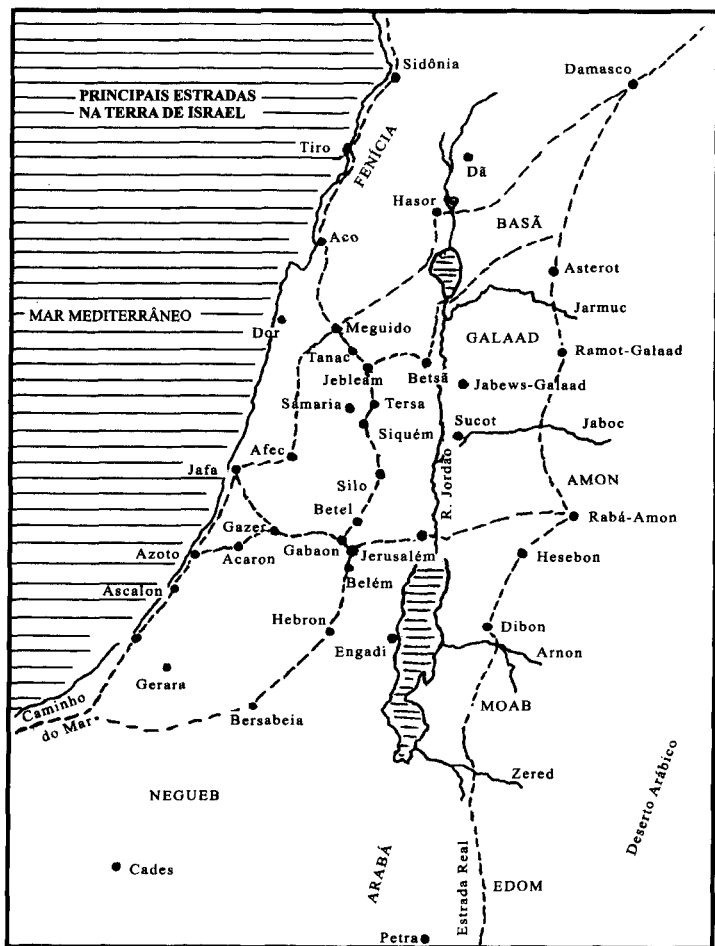
A terra de Israel é um corredor entre grandes potências, o que lhe traz conseqüências importantes.

A terra de Canaã serve, na verdade, como corredor comercial entre as potências da época. Em Canaã, o comércio não é realizado por mar ou por rios, mas por terra. A rota mais importante é a que segue pela planície litorânea. É o “Caminho do Mar”. Há ainda uma estrada pela serra central, passando por Hebron, Jerusalém e Betel, e outra rota na Transjordânia, ligando o porto de Etsion-Gaber ao sul no Golfo de Ácaba, passando por Edom, Moab e Amon, seguindo até Damasco na Síria. É a “Estrada Real”. Confira no mapa da página a seguir!

Além de rota para o comércio internacional, a terra de Israel serve também de corredor de passagem para os exércitos nas guerras entre as potências daquele tempo.

### ***As cidades-estado***

Em Canaã, na época anterior à formação de Israel, havia vários pequenos reinos, entre eles: cananeus, hititas, amorreus, fereseus, heveus, jebuseus e ainda outros (Ex 3,8). Eram pequenos reinos constituídos por uma cidade cercada por uma muralha, que controlava um conjunto de vilas de camponeses estabelecidas ao seu redor. Esse conjunto formava um pequeno Estado. Por isso, são chamados de “cidade-estado”.



Os reis exerciam seu poder sobre a cidade em que moravam, bem como sobre os camponeses e suas terras que ficavam nos arredores da cidade. Nessa época, as cidades de maior renome estão situadas nas planícies: Gaza, Meguido, Betsã, Hazor e outras. Veja no mapa!

A cidade não é um fenômeno novo na época do surgimento de Israel. Descobertas arqueológicas nos dão conta de que Jericó já estava habitada pelo ano 6.000 a.C. e que, na época da formação das tribos, já estava totalmente arrasada.

Um povo chamado “hicsos”, que dominou os egípcios de 1780 a 1580 a.C., havia dado forte impulso para a urbanização, uma vez que as cidades eram importantes para a defesa militar.

Na maioria das cidades, havia um duplo cinturão de proteção, isto é, o muro, preferencialmente com um só portão de entrada, e o burgo, uma parte especialmente fortificada em torno do palácio e do templo. Quando uma cidade não tinha muro, ela era chamada de “filha”, o que significa dependência de outra cidade mais forte, murada.

O tamanho das cidades não era muito expressivo: Hazor (1100 x 654 m), Meguido (300 x 250 m), Jerusalém (400 x 100 m).

### ***Como funcionavam as cidades-estado?***

O rei tinha poder absoluto. Era o chefe do exército. Tinha poder sobre os sacerdotes e o templo, sobre os juízes e as terras.

Inicialmente, os profissionais das armas, os guerreiros, trocavam seu serviço de proteção por alimentos fornecidos por quem contratava seus serviços, inclusive camponeses. É justo pagar tributos quando há retorno em prestação de serviços, como, por exemplo, a construção de estradas ou a defesa militar.

*Também mais tarde no reinado de Israel, os santuários eram controlados pelos reis.*

Mas as cidades foram se fortalecendo com muros mais altos, exércitos maiores e mais poderosos. Aos poucos, a relação de troca tornou-se relação de exploração. Então, os tributos tornaram-se extorsivos, acima do valor justo, para fins de acúmulo de riquezas e de luxo na corte ou para promover guerras de conquista.

A dominação a partir da cidade era efetivamente assegurada por uma casta de profissionais das armas. Eram os herdeiros das modernizações introduzidas pelos hicsos, isto é, os carros de guerra com rodas protegidas por bronze e puxados por cavalos, bem como couraças de bronze para os combatentes. Eram os cavaleiros da corte. Faziam parte dos setores dominantes e ao mesmo tempo os defendiam.

*O poder religioso é muito forte e pode ser o mais opressivo, pois usa o nome de Deus e atinge as pessoas naquilo que é mais sagrado: a consciência.*

A dominação citadina era assegurada pelos sacerdotes, os templos, a religião. A ideologia, isto é, as ideias, os ritos e os símbolos religiosos, explicava o mundo presente como um mundo divino e eterno, consequentemente, imutável. Ao rei estava assegurada uma posição destacada no culto. Era o sacerdote principal. Mais tarde, também no reinado de Israel, os santuários vão ser controlados pelos reis.

Veja, por exemplo, Am 7,10-13!

Assim, o templo tinha uma função simbólica e ideológica. Além disso, também tinha função decisiva na arrecadação dos tributos. O Estado arrecadava seus tributos e dízimos nas festas de colheita.

Já que citamos, há pouco, o profeta Amós, aproveite para olhar em 7,1 e perceba como o tributo devido ao rei era a melhor parte da colheita.

### ***Os camponeses das aldeias pagavam tributo...***

No campo, as aldeias não tinham muro nem burgo ou local fortificado. Situavam-se em torno das cidades, dentro do território de influência e domínio do centro urbano. O campo vivia dependente da cidade, do rei, a quem pagava tributos em troca de promessa de proteção.

Com o passar do tempo, a posse e o controle das terras passaram a se concentrar cada vez mais nas mãos de quem morava nas cidades, empobrecendo e diversificando a população camponesa quanto à sua condição social. De pessoas livres, os camponeses passavam a ser meeiros, sem-terra, servos, escravos, isto é, *hebreus*.

***Hebreu quer dizer pessoa marginalizada, não é mais livre, está fora do padrão social que lhe conferia dignidade.***

Acentuou-se cada vez mais a espoliação da força de trabalho dos camponeses. Para pagar os pesados tributos, precisavam trabalhar dobrado, com muita fadiga e muito suor. As pessoas já não trabalhavam mais para viver, mas viviam para trabalhar.

Acentuou-se cada vez mais a espoliação da força de trabalho dos camponeses. Para pagar os pesados tributos, precisavam trabalhar dobrado, com muita fadiga e muito suor. As pessoas já não trabalhavam mais para viver, mas viviam para trabalhar.

### ***...e serviam como mão de obra para a corveia***

Além dos tributos, havia ainda o trabalho forçado e gratuito nas terras do rei e em obras públicas, como aquedutos, estradas, cidades, armazéns, palácios, templos. É o que conhecemos como “*corveia*”.

A Bíblia nos dá conta de que Salomão também mantinha muitos camponeses sob trabalhos forçados (confira 1Rs 5,27ss. Na tradução de Almeida é 1Rs 5,13-18). O trabalho forçado foi, aliás, uma das causas da divisão do reino unido após a morte de Salomão, como veremos adiante em 1Rs 11-12.

Além dos tributos e do trabalho forçado, as aldeias também forneciam os soldados para a guerra.

Também as mulheres eram recrutadas para o trabalho forçado (1Sm 8,13.16). Serviam inclusive para a exploração sexual pelos reis e pelo pessoal da corte (Gn 12,10ss; 2Sm 11,1-4; 1Rs 11,1-3; Os 4,14).

Um texto que fala da tributação e da corveia é 1Sm 8,11-17. Antes de continuar seu estudo, leia o texto na sua Bíblia!

Esse texto que você leu é conhecido como o “*direito do rei*”. Certamente, ele descreve a prática dos reis em toda a região. Em que consiste essa prática?

- O rei tomava os filhos e as filhas dos camponeses para trabalharem no seu exército, na fabricação de armas, nas suas terras, nos serviços da corte (vv. 11-13).
- O rei tirava as melhores terras dos camponeses para presentear a seus amigos (v. 14).
- Cobrava impostos (vv. 15.17a).
- Exigia que os servos e os jovens agricultores prestassem serviços forçados para o estado (v. 16).
- Por fim, reduzia à escravidão os trabalhadores do campo (v. 17b).

### **Para você continuar a reflexão**

1. Quais são as principais consequências para Canaã pelo fato de ser o corredor entre os grandes impérios estrangeiros da época?
2. Cite as principais características das cidades na época do surgimento de Israel!
3. Qual era a situação das aldeias camponesas sob a dependência das cidades?

## ***Modo de produção tributário***

Como a *tributação* é a base da exploração nessas cidades-estado, os estudiosos chamam esse sistema de “*modo de produção tributário*”. Quando falamos em “*modo de produção tributário*” queremos referir-nos àquelas sociedades que organizavam sua política econômica de tal forma que o *modo* fundamental de acumular riquezas se dava através da cobrança de *tributos* sobre a *produção*, especialmente dos camponeses.

Nesse sistema, havia dois conflitos principais:

- a cidade controlava e dominava as aldeias do campo, através da extorsão da produção;
- as cidades lutavam umas contra as outras para conquistar o domínio sobre o campo à sua volta. Veja, por exemplo, Aro 1,13-15!

## ***Os egípcios em Canaã***

Israel se forma numa terra de longa história. Em 1580 a.C., após a expulsão dos hicsos, começa o Império Novo no Egito. É quando o Egito estende seu domínio sobre cada vez mais terras. O faraó Tutmoses III (1468-1436 a.C.), em nada menos de 17 campanhas militares, consegue fazer de Canaã sua colônia. Isso durará até 1200 a.C. Ao controlar a rota comercial, o Egito domina as cidades-estado que existem em Canaã.

Os faraós tiveram alguma presença militar em Canaã, especialmente em Gaza, porta de entrada do Egito para a terra de Canaã. Mantinham sua colônia sob controle. Quase anualmente faziam incursões militares para saquear e arrecadar tributos.

Os reis cananeus dessas cidades continuaram, mas dominados e controlados pelo Egito, que, por sua vez, garantia a “segurança” aos reis em troca de tributos. Ao mesmo tempo, eles passaram a representar os interesses do Egito na região.

Nessa nova situação, se antes pagavam tributo apenas ao rei local, agora os camponeses passaram a pagar um duplo imposto: um para o rei cananeu e outro para o rei do Egito. Aumentou, portanto, o empobrecimento do campesinato. Não tendo com que pagar os tributos, os camponeses eram obrigados a prestar trabalhos forçados ou até mesmo a se vender como escravos.

Já entre os faraós egípcios e os reis cananeus não havia nenhuma contradição decisiva. A opressão era glória de ambos.

### ***A Bíblia descreve características dos estados tributários***

Mas antes de seguirmos adiante, gostaríamos de olhar, junto com você, mais um texto **na Bíblia que descreve mais características dos estados tributários**. Ele é exemplar para jogar luzes sobre a sociedade daquele tempo, sobre o reinado tributário, não só no Egito e nos estados cananeus, mas também no reinado que se instalou em Israel depois da experiência tribal.

O texto é **Gn 47,13-26**. Leia agora o texto no livro de Gênesis e identifique como estava organizada a tributação no Egito!

Nesse texto que você acaba de ler, podemos perceber como era organizada a política agrária no Egito. Somente o faraó e os templos eram os únicos donos das terras. Segundo este texto, a tributação representava um quinto da produção agrícola, e a classe sacerdotal, aliada do faraó, estava isenta de impostos. É importante percebermos que o trigo acumulado fora produzido pelos camponeses e agora tinham que comprá-lo.

### ***Principais pilares de sustentação do estado tributário***

Em resumo, listamos aqui os cinco principais pilares, os aparelhos do estado, que sustentavam o poder absoluto do rei nesse modo de produção tributário:

- poder “econômico”: a tributação, o grande comércio e o latifúndio;
- poder “político”: presente em toda a burocracia hierarquizada do estado, com destaque para o poder absoluto do rei. Quase todos os funcionários são seus familiares ou seus parentes;
- poder da “justiça”, da lei: a vontade do rei é lei para o povo. São também os juízes que julgam em favor de quem paga mais;
- poder “militar”: onde se incluem os quartéis, os oficiais, o exército, carros e cavalos, que garantem pelas armas a estabilidade do Estado;
- poder “religioso”: colocado a serviço do rei. Os deuses legitimam o poder do rei. Nele se enquadram o templo, os sacerdotes, os profetas da corte, o culto, as festas. E é no altar que se entregava o tributo.

***Nessas sociedades, o conflito central é, portanto, entre os que residem na cidade e os que trabalham no campo. "Como se tornou prostituta a cidade fiel! Cheia de direito, nela habitava a justiça. Mas agora só assassinos."***

***(Is 1,21)***

Na Bíblia, especialmente no Primeiro Testamento, essa tensão entre cidade e campo está muito presente. Nos seus traços fundamentais, o relato da caminhada do povo de Israel nas Escrituras é uma história anticidadina, escrito na perspectiva da roça.

Na cidade morava especialmente a classe dirigente. Diferentemente de nossas cidades, onde mora também a maioria da população pobre.

Citemos apenas alguns textos críticos às cidades e que você pode conferir nas Escrituras:

- Não será por acaso que a origem das cidades é atribuída a Caim, aquele que, pouco antes, havia encharcado a terra com o sangue de seu irmão (Gn 4,1ss, cf. v. 17).
- Logo adiante, em Gn 11,1-9, está o texto que fala da destruição da cidade de Babel pelo próprio Deus. Do ponto de vista dos camponeses, que são os prováveis autores deste texto, Deus não admite a cidade-estado que não respeita a diversidade cultural, mas impõe língua e costumes únicos e que tem pretensões de ser famosa ou poderosa através da força do exército. É mais provável que a torre seja um forte militar do que um templo às divindades.
- Gn 12,10ss revela que na cidade a vida dos pastores, e também dos camponeses, não vale nada. As mulheres são objeto sexual.
- Em Gn 13 Ló é apresentado como aquele que faz uma má opção ao escolher morar nas cidades, enquanto Abraão permanece no campo.
- É o que se poderá constatar em Gn 19, onde as cidades de Sodoma e Gomorra, que se tornaram símbolo da corrupção e da injustiça (Is 1,9s; Jr 49,18; Mt 11,23), são destruídas. A cidade é descrita como lugar do mal.
- Em Js 12, no final do relato da libertação da terra das mãos dos reis cananeus, há uma lista enorme de reis e de suas respectivas ci-



dades-estado que foram vencidos. Entre as cidades derrotadas, a de Jericó se tornou exemplar (Js 6).

- Para não nos alongarmos muito, recomendamos-lhe que ainda confira, em algumas das citações que seguem, essa posição contra as cidades, especialmente as capitais: Is 1,21ss; Ez 16; 23; Mq 1,6; 3,12; Lc 13,31-35.

Mas é verdade também que a profecia, ao anunciar seu projeto de futuro totalmente diferente daquele que experimenta no seu dia-a-dia, descreve-o como uma realidade nova, simbolizada pela “nova Jerusalém” (Is 54; 60; Ez 48,30-35; Ap 21,9ss). Parece que as profecias querem falar da esperança de a cidade estar um dia totalmente sob o poder do povo. Já não será a “praça de guerra”, mas a praça da “assembleia do povo”.

**“E o nome da cidade a partir desse dia será: ‘YHWH está lá!’”  
(Ez 48,35)**

### ***Mudanças à vista***

Ao redor de 1250 a.C., chegam os Povos do Mar a Canaã. São chamados de Povos do Mar porque vêm pelo Mar Mediterrâneo. Vêm da região da Macedônia e redondezas. Entre eles estão os filisteus, que se instalam em cidades importantes na planície litorânea, por onde passava a estrada principal na terra de Israel. Confira no mapa da página 20 as cidades filisteias de Azoto, Ascalon e Gaza!

Os filisteus expulsaram o exército do faraó e impediram que o Egito continuasse dominando em Canaã. Sua presença representou uma verdadeira muralha que impediu o avanço dos faraós egípcios sobre Canaã. Foi uma espécie de libertação de Canaã das mãos dos faraós.

O fim da colonização egípcia em Canaã influiu decisivamente para a formação das tribos de Israel. A presença egípcia garantia certa paz entre as cidades-estado na região. Mas, com o fim da presença do exército faraônico, Canaã ficou, por assim dizer, entregue à sua própria sorte. Os reis cananeus rivalizavam entre si, lutando pela liderança regional. A principal consequência dessas guerras foi o aumento do empobrecimento, uma vez que a rivalidade entre os reis não só aumentava a necessidade de tributação, mas ia também dificultando o trabalho no campo, que era, afinal, a fonte onde se abasteciam as cidades e as guerras.

## Os “hapirus”

Soma-se a esses conflitos entre as cidades e à presença dos filisteus mais um outro grupo. Era um grupo social importante que não estava sob

**Na Bíblia, a palavra correspondente a “hapirus” é “hebreus.”**

o controle nem das cidades locais, nem dos egípcios e cuja presença em Canaã já era anterior aos próprios filisteus. Em textos extrabíblicos daquela época, as pessoas dessa categoria são chamadas de “hapirus”, isto é, os “fora-da-lei”, os marginalizados.

Na correspondência diplomática entre os reis de Canaã e o faraó Amenófis III, encontrada nas escavações do palácio do faraó em El-Amarna (veja no mapa da página 49!), uma das capitais do Egito, os “hapirus” aparecem como bandos armados que ora saqueavam o território das cidades, ora se faziam contratar por uma cidade para combater outra. Viviam em refúgios no mato ou na estepe, faixa de vegetação entre a mata e o deserto.

A principal e constante resistência contra a presença dos egípcios em Canaã não vinha tanto das cidades, mas do campo, em especial desses “hapirus”. Na Bíblia, a palavra correspondente a “hapirus” é “hebreus”. É nesse contexto de enfraquecimento dos reis em Canaã ao redor de 1200 a.C. que surge Israel como povo, organizado em tribos.

Não podemos simplesmente transferir esse conflito para nossa realidade hoje. Vivemos num mundo diferente, onde o conflito central não é mais entre cidade e campo. Temos conflitos no campo entre o latifúndio e aqueles que lutam por um pedaço de chão para trabalhar. As cidades hoje já são o lugar onde vive a maioria do povo. O conflito, então, é entre os que têm muito e podem muito e aqueles que nada ou pouco possuem e não podem. Daí a importância de sempre reinterpretar a mensagem bíblica para dentro do contexto onde ela é lida.

E hoje, como pesa o poder estrangeiro sobre o povo brasileiro?

Quais são as causas fundamentais da situação de desemprego, insegurança, menores abandonados, sem terra, colapso na saúde pública, etc.? Há sinais de resistência?

## Para você continuar a reflexão

1. Leia novamente Gn 47,13-26 e 1Sm 8,11-17 e relate como os autores destes textos descrevem a prática dos reis no modo de produção tributário!

2. Em que consistem os cinco principais pilares de sustentação do poder absoluto dos reis?

3. Como você vê o papel da religião no sofrimento e na resistência do povo na época bíblica e ainda hoje?

4. Leia alguns dos textos críticos às cidades citados a seguir e liste as principais razões dessa crítica (Gn 11,1-9; 19; Is 1,21ss; Ez 16; 23; Mq 1,6; 3,12; Lc 13,31-35)!

5. Quais foram as mudanças mais imediatas que favoreceram a formação das tribos?

6. Compare as cidades-estado daquela época com nosso mundo e identifique semelhanças e diferenças!

## 2 Formação do Povo de Israel

Algo novo acontece debaixo do sol! Grupos excluídos se organizam de forma alternativa. É a formação do Povo de Israel. No mundo conhecido da época, não há experiência similar. Por isso, a formação de Israel é exemplar.

Assim como, na época do reinado escravocrata no Brasil colônia, surgiram vários quilombos nas montanhas, onde inúmeras pessoas escravas, negras e fugitivas se organizaram em um projeto alternativo ao da escravidão, atraindo o ódio dos senhores de escravos e dos que controlavam o império, assim também os hebreus realizaram, há 3 mil anos, uma nova experiência nas montanhas de Canaã.

Como se formou o Povo de Israel? Em que consiste o “novo” proposto pelos hebreus? É o que você pode acompanhar nos próximos capítulos. Mas antes vamos lembrar as principais hipóteses a respeito da formação de Israel.

## 2.1 Hipóteses da formação de Israel

Há pelo menos três hipóteses ou suposições que tentam explicar a ocupação da Terra Prometida por parte dos hebreus no tempo de Josué e dos Juízes.

### a) Ocupação violenta

*A primeira hipótese afirma que a formação de Israel aconteceu através de ocupação violenta, através de três ou quatro campanhas militares, lideradas por Josué.*

Os que defendem essa hipótese consideram ainda que a união das tribos se deve ao fato de haver parentesco entre elas, como se todas descendessem de um ancestral comum (Abraão). Todos seriam da mesma raça. Os adeptos dessa teoria supõem que o conflito com os cananeus fosse apenas racial e não político, econômico e religioso.

Essa hipótese é a mais antiga, a mais conhecida e a mais tradicional. Interpretam desse jeito a formação de Israel aquelas pessoas que fazem uma leitura fundamentalista da Bíblia, isto é, uma leitura ao pé da letra, como se o que está escrito fosse uma filmagem dos fatos e testemunho arqueológico. Nós já vimos, no volume anterior, que as Escrituras não são relatos puramente históricos, embora contenham preciosos elementos históricos. Têm, em primeiro lugar, uma finalidade teológica. São uma forma de descrever, e nesse caso mais de 500 anos depois dos fatos, a presença misteriosa de Deus na história do povo. São testemunhos de fé.

### ***Contradições nos textos bíblicos colocam em dúvida essa hipótese***

Essa hipótese também perde a credibilidade pelas contradições do próprio texto e pelas diferentes versões que aparecem nos livros de Josué e Juízes.

Nos próprios textos de Josué e de Juízes, você pode perceber que a conquista não foi tão violenta e tão fácil assim. Nas narrativas do livro de Josué há contradições. Vejamos!

Leia Js 11,15ss e 21,43ss!  
Lendo essas passagens bíblicas, você pode perceber que elas dão a entender que todos os reis cananeus já estavam derrotados após a ocupação da terra.

Leia Js 13,1-6.13; 15,63; 16,10; 17,11-13; Jz 1,19ss!  
Já nesses textos, você percebe outra realidade. Ao mesmo tempo em que as tribos se articulavam, especialmente nas montanhas, os reinos cananeus continuavam existindo na região.

Quando lemos os livros de Juízes e Samuel, percebemos que a própria Bíblia nos mostra que a ocupação da Terra foi um processo longo, lento e difícil, e que só foi concluído no tempo do rei Davi.

Como já referimos acima, Jericó é apresentada como a primeira cidade a ser destruída, e por isso mesmo se tornou o exemplo de conquista para todas as demais cidades (Js 6). Ora, segundo as pesquisas da arqueologia, era, há muito tempo, apenas um montão de ruínas, como também a cidade de Hai (Js 8).

Jerusalém, conforme 2Sm 5,6-12, somente foi conquistada por Davi, mais de 200 anos depois. Isso não confere com o que se diz em Js 10,1-27 e 12,10. Se lemos ao pé da letra, também não temos como explicar o seguinte: se todos os reis do norte foram derrotados (Js 11), como é que ainda no tempo da juíza Débora eles existiam (Jz 4-5)?

### ***É Deus quem pede tanta violência?***

E se lêssemos o texto como descrição dos fatos, seria difícil aceitarmos, por exemplo, um Deus que ordena massacres sangrentos como os narrados em Js 6,20s; 8, 1s.20-29; 11,40-43, 2Mc 12,16.

Antes de lermos esses textos como fatos históricos totalmente reais, convém que nos perguntemos a respeito da intenção teológica de quem os produziu. Antes de nos perguntarmos se foi de fato assim como está escrito, convém que busquemos a intenção dos redatores ao descreverem a realidade daquele jeito.

A explicação mais viável para se compreender a razão de tanta violência nos relatos sobre a formação das tribos é a seguinte: todos esses textos foram escritos durante o reinado. Assim sendo, eles já contêm elementos e reinterpretções dos fatos na perspectiva dos reis e de seus teólogos do templo de Jerusalém.

O rei Davi construiu um verdadeiro império na região. Para isso, organizou um exército forte e conquistou todos os povos vizinhos, exceto os sidônios a noroeste.

Nessa situação, os teólogos da corte fizeram uma retroprojeção das conquistas violentas de Davi para a época da formação das tribos. Com essa releitura, seu objetivo era legitimar a prática sanguinária do rei conquistador. Historicamente, portanto, foi o rei Davi que praticou sem piedade a violência contra outros povos, usando indevidamente o nome do Deus tribal, o Deus da vida.

## **b) Ocupação progressiva e pacífica**

Os adeptos da *segunda* hipótese defendem que a formação das tribos nas montanhas de Canaã foi através de ocupação pacífica, através de uma lenta e progressiva infiltração e imigração de tribos seminômades, vindas de regiões semiáridas ou das estepes, onde apascentavam seus rebanhos, sempre em busca de pastagens melhores.

Esses grupos, aos poucos, teriam se sedentarizado, isto é, se estabelecido em terras cultiváveis, passando a ter residência fixa em meio aos cananeus. Seria um exemplo dessas migrações o caso de Abraão e Sara (Gn 12,1-9; 13,1-4).

Essa hipótese surgiu pelo ano de 1900 e, ao contrário da teoria anterior, afirma que a ocupação foi lenta e não de um momento para outro. Essa teoria, contudo, não explica suficientemente a formação de Israel como experiência alternativa, no contexto das cidades-estado cananeias. Como também não explica a memória que a Bíblia guarda de que houve dificuldades e lutas.

## **c) Insurreição de excluídos**

A *terceira* hipótese propõe a unidade das tribos como resultado de uma rebelião contra os reis de Canaã.

Regiões desocupadas, especialmente das montanhas centrais de Canaã, foram ocupadas por camponeses e outros setores excluídos que se revoltaram contra os reis cananeus. Nas montanhas, refugiavam-se e organizavam-se para poderem melhor resistir. A esses camponeses fugitivos se

juntaram outros grupos empobrecidos, vindos das estepes e de fora de Canaã, inclusive o grupo de escravos fugitivos do Egito.

Essa hipótese, também chamada de revolução social, é a mais recente. Parece ser a que melhor explica, combina e respeita os dados todos, tanto da Bíblia como da história universal e da arqueologia.

Os textos como os temos hoje fazem referências somente à insurreição dos hebreus no Egito. Não há relatos de revoltas de camponeses de Canaã. A explicação para essa ausência é a seguinte: quando a memória da formação de Israel foi redigida, Israel já havia instituído reis. O pessoal da corte não tinha interesse em guardar a memória subversiva de rebeliões populares contra os reis. Ia contra seus interesses. Terá, portanto, apagado essa memória intencionalmente.

A seguir, apresentaremos essa versão dos fatos, buscando descrever as diferentes experiências que contribuíram para a formação do povo de Israel sob a forma de tribos, tendo como pano de fundo a formação dos quilombos no Brasil.

## **2.2 Uma experiência plural**

Assim como a nação brasileira é formada com a contribuição de várias culturas, povos, etnias, crenças e costumes, assim também o Israel tribal, desde a sua origem, faz essa experiência da unidade na diversidade. É uma experiência muito ecumênica, onde a maioria tem vez.

Foi assim também com as comunidades cristãs primitivas. Havia toda uma riqueza, não tanto na uniformidade, mas nas diversas experiências, nas diferentes formas de ser fiel ao Evangelho dentro daquilo que é próprio de cada comunidade. E isso nos atestam os próprios escritos do Segundo Testamento. Mas deixemos isso para mais adiante, quando estudarmos os escritos das primeiras comunidades cristãs.

Isso nos faz refletir sobre nossa caminhada hoje, quando buscamos cada vez mais a comunhão nas diferenças. Podemos ser diferentes sem sermos contrários.

Assim como na formação dos quilombos da República de Palmares havia a presença de diversas culturas, crenças e costumes, assim também terá

sido a experiência da formação de Israel nas montanhas de Canaã. Foi uma verdadeira experiência de democracia popular, de unidade na pluralidade.

Quais terão sido os principais grupos que participaram na formação de Israel? Como se caracterizavam? É o que veremos a seguir.

## 2.3 Principais grupos que participaram na formação de Israel

### a) Camponeses de Canaã empobrecidos, endividados e escravizados

#### *Condições econômicas*

As condições econômicas foram as principais causas da fuga dos camponeses endividados e escravizados. Quem não estivesse disposto ou em condições de suportar a alta tributação, as condições do trabalho forçado ou não suportasse vender-se como escravo por causa das dívidas, tratava de fugir e de emigrar do território controlado pelas cidades-estado.

A retirada se realizava num primeiro momento para as montanhas, onde os carros de guerra dos reis das planícies não conseguiam chegar. São experiências de êxodo assim como as dos negros que fugiam dos engenhos de cana-de-açúcar para as montanhas.

Em 1Sm 25,10, texto que nos situa no final da experiência tribal, lemos que ainda “*hoje em dia, há tantos escravos que fogem de seus senhores*”. Por um lado, este texto nos fala desse fenômeno de fuga de escravos. Por outro, nos revela que muitas cidades-estado permaneceram nas planícies durante a época das tribos e somente mais tarde, no reinado, foram conquistadas pelo estado de Davi.

Em parte, esse processo de fuga da planície já vinha se realizando desde época anterior a 1500 a.C. É a fuga da cobrança de impostos e da escravidão. Agora, porém, a novidade são as grandes dimensões alcançadas pelo fenômeno de revolta dos camponeses.

Naquela época, certamente as montanhas estavam tomadas de matas (confira Js 17,15.18!). Nas estepes montanhosas havia algumas cidades, como Hebron, Jerusalém, Betel, Siquém. O grande número de camponeses fugitivos permitiu que se passasse a vencer a mata, transformando-a em roça.



### ***Três novidades: ferro, cisternas e terraços***

Para essa tarefa, os retirantes podiam valer-se de três novidades introduzidas a partir de 1250 a.C.

Em primeiro lugar, o *ferro* contribuiu para o trabalho, não só na derubada da floresta, mas também no preparo da terra para a lavoura. Confira em sua Bíblia como 1Sm 13,19-23 nos dá conta de que, na época tribal e ainda no início da monarquia, os filisteus mantinham o monopólio dos metais, de modo que os israelitas tinham que descer as montanhas para adquirir e afiar seus machados, picaretas e arados.

Outra novidade é a técnica de revestimento das *cisternas* com uma massa à base de cal (reboco) para reter a água das chuvas, permitindo estabelecer moradias em regiões montanhosas em que não havia poços. Dt 6,11 e Nm 21,16-18 falam dessas cisternas.

Uma terceira inovação foi o cultivo em *terraços*. Com as pedras, muito comuns na região, faziam muros que retinham a terra de cada terraço. Sem esses muros, as chuvas carregavam a terra morro abaixo. Junto com as cisternas, a existência desses terraços é a evidência arqueológica para a ida às montanhas.

### ***“Hapirus” ou hebreus***

Provavelmente é a esses camponeses, antes endividados e escravizados, mas agora livres, que os textos de El-Amarna denominam de “*hapirus*”, como vimos acima. Na Bíblia, os hapirus são chamados de “*hebreus*”.

“Hapirus” são pessoas com seus direitos limitados e de escassos recursos econômicos. Prestam serviço onde e quando são requisitados, como mercenários ou assalariados. Praticam também assaltos. “Hapirus” ou hebreus são palavras que não indicam uma determinada etnia, nação ou raça, mas um grupo de mesma condição social. O que têm em comum é que são todos empobrecidos.

Durante o período das tribos e mais no final da época tribal, temos ainda ou novamente a presença, em Israel, de pessoas com as mesmas características.

Confira isso nas seguintes passagens: Jz 9,4; 11,1-3; 1Sm 22,1-5!

Em 1Sm 27 lemos como Davi e o grupo de empobrecidos por ele comandado se colocam a serviço dos reis filisteus. Além de outros textos, os hebreus ainda aparecem em 15m 13 e 14.

Tal como os quilombolas, os hebreus se armavam para a defesa. Mas não só. Também promoviam ataques, ou para recuperar a produção que os reis lhes haviam roubado, ou para suprir suas carências em épocas de fome.

Os hebreus fugiram dos tributos, da escravidão e, inicialmente, num espaço até então ainda não ocupado nas montanhas, constituíram uma convivência própria, singular. Israel são hebreus sedentarizados, isto é, com residência fixa, principalmente nas montanhas de Canaã.

Aos poucos, porém, em meio aos próprios territórios sob o controle dos reis, foram também conquistando espaços onde ensaiavam uma solidariedade nova e forjavam uma identidade que os unisse.

No tempo da formação de Israel, ainda havia espaços não ocupados, onde era possível colocar em prática um novo projeto. Hoje, não há mais esses espaços ainda livres. Como podemos, então, construir um projeto de vida e dignidade para todos?

### ***A experiência de Deus dos camponeses de Canaã***

Além da necessidade econômica, a *religião* teve papel muito importante nesse processo de libertação.

O nome *Israel* significa “*Deus lutará*”. Isto quer dizer que Israel surgiu no campo de batalha e em nome de Deus, na luta pela terra livre, muitas vezes lutando contra os reis e as cidades.

Na Bíblia, os termos para designar o ser divino são *El, Elohim e Eloah*.

“*El*” é o termo mais comum para indicar a divindade nas línguas semíticas. No panteão dos deuses de Ugarit, antiga cidade na costa da Síria, situada junto ao Mar Mediterrâneo, *El* era o deus supremo, e todas as demais divindades eram filhos e filhas de *El*. A religião de Ugarit é considerada a religião básica dos povos cananeus. Nela as divindades são identificadas com as forças da natureza, em particular a da fecundidade. *El* era, pois, o deus supremo dos cananeus.

As divindades cananeias tinham estreita correlação com a natureza: gravidez, parto, plantio, colheita, chuva, seca. Representavam as forças da natureza.

O culto cidadão vivia das realidades camponesas, com seus cultos e ritos indispensáveis para o bom funcionamento da ordem do cosmos. A religião da cidade tinha seu centro no santuário e resultava da expropriação dos frutos do trabalho na roça. Era uma religião de arrecadação de tributos.

Se os hebreus designam seu Deus com o termo El, isso significa que eles, em sua origem, também participam da cultura e da religião cananeaia.

Em Gn 33,20 e 46,3, encontramos ainda a expressão “*El, Deus de Israel*”. Confira!

Mas para os camponeses e cidadãos fugitivos, El já tem um novo significado. Não está somente ligado a fenômenos naturais. Já assume dimensões históricas. Ele agora é o Deus que *luta* com seu povo por liberdade. A palavra “*Israel*” expressa essa fé. Importante contribuição, portanto, dos camponeses cananeus no conjunto da formação das tribos é o termo “El” para designar “Deus”.

Na mitologia ugarítica, a deusa **Asera**, “*a senhora do mar*”, era a esposa de El. No Primeiro Testamento, aparece como mulher de Baal. Como Anat e Astarte, era deusa da fecundidade. Aparece, por exemplo, em 1Rs 15,13; 18,19. O culto a Asera foi eliminado em Israel somente pelo rei Josias, ao redor de 620 a.C. (cf. 2Rs 23,4-20).

É interessante lembrar aqui que o nome de uma das tribos israelitas deriva do nome dessa deusa cananeaia. É o caso da tribo de Aser (Js 19,24-31). Também a deusa Anat aparece em Israel como nome de pessoas (Jz 3,31) e de lugares (Js 19,38; 1Rs 2,26; Jr 1,1).

Já a crença no deus **Baal**, que quer dizer “*senhor*” ou “*dono*”, era muito popular entre os camponeses cananeus. Filho de El, Baal era a divindade responsável por fecundar o solo através da chuva e do orvalho, de modo que os agricultores pudessem fazer boas colheitas. Era o deus da fertilidade e da tempestade.

Quando se formou o Israel tribal, todas as características dessa divindade foram também atribuídas ao Deus libertador dos hebreus.

Veja, por exemplo, Os 2,4-15!

Mas para muitos israelitas, o culto a Baal sempre continuou sendo uma realidade. Na Bíblia, há várias referências ao culto prestado por Israel ao deus Baal (confira os exemplos: Nm 25,1-3; Jz 2,13; 3,7; 6,25-32!).

Na última citação (Jz 6,25-32), há indícios de que, no tempo dos juízes, o pai do juiz Gedeão ainda cultuava a Baal.

Mais tarde, no reinado, entre os anos de 884 e 841 a.C., no reinado de Amri ou Omri e de seus descendentes, vários reis promoveram o culto a Baal (1Rs 16,31s; 18,19.22; 2Rs 10,18-27). Assim também agiu o rei Manassés em 698 a 643 a.C. (2Rs 21,3).

Os profetas lutam contra esse culto, certamente porque desejam uma religião em torno do Deus libertador e não querem ver as pessoas submetidas, adorando o rei ou as forças da natureza. (Leia pelo menos um dos seguintes textos: 1Rs 18,17-46; Jr 7,9; 11,13; Os 2,10; 11,2; Sf 1,4!).

O culto a Baal, portanto, continuou como prática da religião popular no meio dos camponeses. A popularidade do deus Baal certamente se deve ao fato de a ele se atribuir a fertilidade da terra e dos rebanhos, tão fundamentais para a sobrevivência dos camponeses.

Os camponeses têm sua *feira de primavera*. É uma festa de colheita. É a ceifa da cevada. Durante os festejos, que duram uma semana, come-se pão sem fermento. Cevada nova, farinha nova, pão novo, vida nova. O fermento para o pão seguinte era um resto da massa do pão anterior. Para que não houvesse mistura do velho com o novo, os camponeses faziam o pão com a farinha nova sem o fermento da velha. Era um rito de passagem. Era o recomeço de uma nova vida. Depois, na formação do povo de Israel, essa festa se juntou com a da Páscoa, formando uma só.

Com grande probabilidade, o maior contingente que participou na formação de Israel foram esses setores dos camponeses empobrecidos de Canaã. Israel é fruto dos que não se submeteram ao sistema das cidades-estados.

## Para você continuar a reflexão

1. Quais as principais razões que levaram os camponeses a fugir das terras sob o controle dos reis?
2. Comente o significado da palavra “Israel”!
3. Por que o culto a Baal, deus cananeu, foi sempre atraente para os camponeses?
4. Leia novamente 1Rs 18,17-46 e explique o que tem a ver a derrota de Baal com o início das chuvas!
5. Quem são hoje os “hapirus” /hebreus? Como resistem e se organizam?

### b) Pastores seminômades de Canaã

#### *Os pastores também fazem seu êxodo*

Um segundo grupo que participou na formação das tribos de Israel são os pastores seminômades das estepes de Canaã.

São seminômades porque não estão fixados a determinada região. Ficam acampados num lugar enquanto as condições, naquele local, são favoráveis para a alimentação do grupo e dos seus animais. Depois mudam para outra região, sempre em busca de pastagens melhores.

Vivem preferencialmente nas estepes, isto é, na faixa de vegetação pequena situada entre as florestas e as regiões desérticas.

Os pastores seminômades de Canaã são mais conhecidos por nós como os grupos dos pais (Abraão, Isaac e Jacó), bem como das mães em Israel (Sara, Agar, Rebeca, Raquel e Lia). Mais que entender Abraão, Isaac e Jacó como gerações de uma mesma árvore genealógica, de uma mesma família, convém vê-los como grupos contemporâneos, isto é, da mesma época.

Os seminômades pertencem aos primeiros grupos que resistem à opressão das cidades-estado, no decorrer do segundo milênio a.C. Sua resistência se dá em forma de fuga para as estepes, pois ainda não havia condições para ocupar as florestas como no tem-

*Também os pastores seminômades de Canaã fizeram sua experiência de êxodo. Têm, portanto, muito em comum com os demais grupos que participaram da formação de Israel.*

po da introdução do ferro na região bem como do uso de cal para revestir as cisternas.

Originalmente, os seminômades também podem ter sido camponeses. Também esses grupos fizeram sua experiência de êxodo. Têm, portanto, muito em comum com o grupo que abordávamos anteriormente.

As histórias dos pais e das mães se desenvolveram, preferencialmente, na estepe do sul (Abraão e Sara, Rebeca e Isaac) e do centro de Canaã (Jacó, Lia e Raquel). Os pais são personagens históricos que deram origem ao nome de seus grupos, de seus descendentes. A criação de gado pequeno, ovelhas e cabras, foi sua atividade básica (Gn 47,3). Isso porque as estepes por eles habitadas não ofereciam condições para criar gado graúdo (bois e vacas).

### ***O clima determina o ritmo de vida dos pastores***

O nomadismo das estepes depende das condições do clima. No clima mediterrâneo, o período de chuvas coincide com o inverno e o de extrema escassez de chuvas, com o verão. A vida pastoril nas estepes é marcada por esse ritmo de inverno e verão, chuva e seca.

Há pasto e água à vontade no cinturão das estepes durante o período de chuvas, inclusive deserto adentro. Já no verão, o processo é inverso. A busca de pasto e água exige dos pastores uma aproximação da terra cultivada. Ali há pastos e poços. Então surge um problema. Nas terras cultivadas, vivem os agricultores. Os pastores precisam entrar em acordo com os camponeses, a fim de conviverem por algum tempo na mesma região. Mas nem sempre as negociações com os camponeses chegam a um acordo. Às vezes, há conflitos. Estes acontecem por causa da situação de pobreza em que se encontram os agricultores, e ainda mais em época de seca. Há resistência ou impossibilidade de abrigar os pastores com seus rebanhos.

No contexto das cidades-estado, os camponeses estão em melhores condições do que os pastores. Em épocas de seca, falta água, falta plantação nas estepes, onde normalmente vivem os pastores. Mas ainda há produção na terra dos agricultores. São os camponeses que geralmente levam a melhor em casos de conflitos.

Leia Gn 4,1-16!

No texto que você leu, Caim representa os *agricultores* e Abel os *pastores*. Certamente, o conflito entre pastores e camponeses é o pano de fundo desse texto, como também da história de Sodoma e Gomorra (Gn 19).

Esse processo contínuo de ida e vinda, de migração, decorrente dos períodos de chuva e de seca, é chamado de *transumância*.

### ***Transmigrações***

Acontece que, às vezes, a estiagem é mais prolongada e a falta de alimentos é ainda maior. Para amenizar os problemas nesta situação, as migrações usuais não são suficientes. É preciso percorrer trajetos bem maiores. Esses deslocamentos em grandes distâncias são chamados de *transmigrações*.

Você pode conferir transmigrações dessa ordem em Gn 12,10ss (ida de Abraão e Sara ao Egito), em Gn 26,1ss (ida de Isaac e Rebeca a Gerara), e em Gn 41,53ss (ida de Jacó e todo o seu clã ao Egito).

Como as migrações dentro do processo da transumância, também as transmigrações nem sempre são pacíficas. Abraão e Isaac entregaram suas mulheres para os haréns dos reis, em troca de proteção e comida. Aproximar-se da cidade é sinônimo de escravidão, simbolizada por Sara e Rebeca, de opressão e uso sexual das mulheres. Por isso, a crítica à cidade ao longo de toda a Bíblia não é sem razão. É por causa dela que vêm, a fome, o endividamento, o trabalho forçado, a tributação e a escravização dos camponeses. Nela não se respeita o direito do hóspede (Gn 19,1-5). Muito menos, o direito das mulheres (Gn 12,10ss; 26,1ss).

É possível que a transmigração atribuída a Abraão de Ur da Caldeia, na Mesopotâmia, para Canaã (Gn 11,31) seja uma releitura feita na época do exílio babilônico entre 587 e 539 a.C. Nessa época, os israelitas exilados esperam por um novo êxodo, como o de Abraão (Gn 11,31) e o de Moisés (Ex 1-15). É pelo menos essa a esperança dos exilados, tal como a descreve a parte do livro de Isaias escrita durante esse exílio (Is 40-55; leia ao menos uma das citações que seguem: Is 41,17-20; 43,14-21; 48,20-21; 49,9-13; 55,12sl). Outra possibilidade é que o grupo de Abraão tenha saído de Ur e se estabelecido na região dos arameus bem antes de seguir para Canaã.

Dt 26,5 faz parte de uma confissão de fé muito antiga (Dt 26,5-10). O texto se refere a Jacó. Ali temos a informação de que ele provém da região dos arameus.

A maior probabilidade é que a região dos arameus seja mesmo a terra onde viviam os parentes dos pais em Israel, gente de seu clã, pois de lá é que vêm as mulheres para o casamento de seus filhos (Gn 24; 28,1-9).

### ***Autonomia das famílias***

As *instituições básicas* dos pastores seminômades são a *família* e o *clã*. O clã é um grupo de famílias que descendem de ancestrais comuns.

As famílias têm autonomia nos aspectos econômico, jurídico e religioso.

Do ponto de vista *econômico*, os pastores vivem de pequenas plantações, do pastoreio de gado miúdo e da troca de produtos com os camponeses.

No aspecto *jurídico*, o poder está centrado no pai. É que o sistema patriarcal era muito forte. Mas também as mulheres exerciam certa autoridade (Gn 16,1ss; 21,8ss), sobretudo em assuntos domésticos.

### ***A experiência de Deus dos seminômades***

Quanto à *religião*, podemos dizer que seu Deus é o Deus da bênção (Gn 12,1-3), da promessa de água e pasto para os rebanhos, bem como de herdeiro (Gn 15; 17). É um Deus que caminha junto com seu povo.

Como é muito difícil sobreviver em grandes grupos nas estepes semidesérticas, é provável que as promessas de grande descendência, de riquezas e de terra, do jeito que estão na Bíblia agora, sejam releitura da época monárquica. Nesse momento, a partir dos interesses da corte real, se busca fazer com que os pais da fé se pareçam com os reis, legitimando, portanto, o seu poder.

Convém lembrar ainda que os pastores não têm templo. Seu lugar de culto é junto a árvores frondosas (Gn 18,1), a colunas (Gn 28,18.22; 31,13; 35,14), ou em qualquer lugar. O altar é de terra ou de pedras não lavradas (Ex 20,22-26).

Não há sacerdotes especializados. As funções sacerdotais são realizadas pelos membros das famílias, isto é, pelo pai (Gn 17,23) e por mulheres (Gn 31,19s; Ex 4,24ss).

Creem num Deus companheiro, próximo, dinâmico, que acompanha, guia, abençoa e protege seu grupo.



Provavelmente, as informações de Ex 6,3 e de Js 24,2.14s são históricas. Assim sendo, de acordo com Ex 6,3, o culto dos pais era feito ao “Deus Poderoso”, mas ainda não sob o nome de YHWH.

*Sempre que aparece esse nome divino, usaremos as quatro letras que o compõem: YHWH. Em hebraico, sua pronúncia é YaHWêH. A forma portuguesa da é Javé.*

*Originalmente, o alfabeto hebraico não tem vogais, somente consoantes.*

*Por isso, anotamos as vogais em letra minúscula. Hoje, há quem diga que a pronúncia do nome de Deus é Jeová. Por que isso? Com o passar do tempo, o hebraico foi usado praticamente só na Sinagoga. Então, os judeus, para não esquecer a pronúncia correta, colocaram sinais vocálicos junto às consoantes.*

*É importante lembrar que, a partir do século VI antes de Cristo, a tradição judaica evita, por respeito a Deus, pronunciar seu nome. Por isso, geralmente o substitui por “Adonay” que, em português, significa “Senhor”. Para ler Adonay e não Yahweh, cada vez que aparece escrito o nome de Deus, colocaram nas consoantes do seu nome os sinais vocálicos de Adonay. Uma regra gramatical transforma o primeiro “a” de Adonay para “e” junto ao “Y”.*

*Fica, portanto, assim: YeHoWaH/Jeová. Dizer que a pronúncia é Jeová é misturar o nome de Deus (Yahweh) com seu título (Adonay).*

*Essas são as razões pelas quais encontramos em tantas traduções da Bíblia a palavra Senhor (Tradução Ecumênica da Bíblia – Loyola, Tradução de Almeida – SBB, Bíblia Sagrada – Vozes, além de outras) em vez de Yahweh (Bíblia de Jerusalém – Paulus), de Javé (Edição Pastoral da Bíblia – Paulus), ou Jeová (Bíblia das Testemunhas de Jeová).*

*Quem sabe, por respeito e solidariedade ao judaísmo, poderíamos também nós evitar pronunciar o nome próprio de Deus.*

Js 24,2.14s chega a dizer que, antes de se integrarem nas tribos, os grupos seminômades seguiam outros deuses. Nessa assembleia de Siquém, são convidados por Josué a optarem pelo Deus das tribos de Israel.

Sua experiência de Deus é de uma divindade ligada a famílias, a pessoas: “*Eu sou o Deus de teu pai (pai de Moisés), o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó.*” (Ex 3,6). É um Deus muito próximo das pessoas, do grupo. Tão próximo que aceita até barganha (leia Gn 18,16-331).

Havia também os “terafins”, os deuses dos lares (Gn 31,19-42), e as deusas da fecundidade, uma vez que o lar era o espaço das mulheres, do parto. Eram pequenas imagens usadas nos cultos domésticos ou nos pequenos santuários.

### ***Festa da Páscoa***

Os grupos de pastores seminômades celebravam a festa da Páscoa. Esta era também uma festa de passagem. Mas enquanto os camponeses celebravam a passagem da farinha velha para a nova, os pastores celebravam a passagem de um acampamento antigo para um novo, de uma pastagem velha e já esgotada para uma nova, dentro de seu ritmo de migrações no inverno e no verão.

Era na passagem do inverno para a primavera no hemisfério norte. Era na primeira lua cheia da primavera. Era também a passagem da época das chuvas para o período de seca, um tempo ameaçador.

Ao se despedir de um acampamento, o grupo pastoril fazia uma festa de despedida, comendo um cordeiro assado. Antes da refeição, ungia com o sangue do cordeiro as estacas de suas barracas. Acreditavam os pastores que, com esse rito, prendiam os maus espíritos, de modo que não pudessem prejudicá-los na peregrinação em busca de novas pastagens. Era um rito de proteção.

E é também esse o sentido dado à unção dos umbrais das portas com o sangue do cordeiro na última noite antes da saída do Egito. Pode ser que a fuga do Egito tenha acontecido na primavera, época dessa festa. Daí, vai-se juntar o êxodo com a festa da Páscoa.

Leia agora Ex 12, especialmente os versículos 21-23!

### ***Principais características dos grupos seminômades***

As principais características desses grupos são:

- eles são seminômades;
- vivem em tendas (Gn 12,8; 13,5) em torno do cinturão das estepes, onde vivem a salvo da tributação e da guerra;
- criam gado pequeno (Gn 47,3);
- também fazem oposição à cidade;

- sua origem está ou entre os camponeses cananeus empobrecidos e fugitivos ou entre grupos da transmigração, vindos de longe, como os arameus (Dt 26,5);
- sua experiência de Deus é a fé num Deus do grupo, um Deus companheiro, próximo, que acompanha, guia, protege e abençoa.

### **Para você continuar a reflexão**

1. Leia Gn 4, 1-16! Como interpretar esse texto à luz do conflito entre os pastores seminômades e camponeses no contexto das cidades-estado?
2. Como os pastores seminômades resistiam à opressão?
3. Quais foram as principais características dos grupos seminômades?
4. Qual foi a experiência de Deus que fizeram?
5. O que têm em comum os processos migratórios daquele tempo com os de hoje?

### **c) Trabalhadores forçados vindos do Egito**

#### ***Mais que filmagem dos fatos, as narrativas bíblicas são testemunho de fé***

Os textos bíblicos que refletem sobre o significado do evento do êxodo estão em Ex 1-15. Querem especialmente registrar a fé no Deus que marca presença no processo de libertação dos hebreus da opressão. Em outras palavras, as narrativas sobre o êxodo não querem nos mostrar uma “filmagem” da saída do Egito. Fazem um “raio-X” daqueles acontecimentos. Querem revelar a presença libertadora de Deus nesse processo todo. Analisam os fatos por dentro, a partir da fé. Não querem tanto narrar história, mas revelar o sentido religioso dos fatos.

#### ***Principal contribuição dos hebreus na formação do povo de Israel***

Os grandes líderes dessa fuga do sistema egípcio foram Moisés, Aarão e Miriam. Os hebreus contribuíram para a formação das tribos nas montanhas de Canaã, especialmente com sua experiência histórica de libertação. Libertaram-se justamente lá onde o poder era mais forte, no “centro

da escravidão”. Em outras palavras, conseguiram realizar a grande façanha de se libertar “nas barbas do faraó”, com a força da fé no Deus libertador.

Mas já antes de Moisés e seus irmãos, as mulheres hebreias vinham resistindo, como veremos adiante.

### ***O êxodo dos hebreus é a fundação do povo de Deus***

Na tradição posterior, o êxodo dos hebreus incorporou os êxodos dos demais grupos.

Todos os grupos que participaram da formação das tribos israelitas fazem sua experiência de êxodo. Saem de uma situação de opressão para um espaço de liberdade. Como o êxodo do Egito foi o mais espetacular, tornou-se o símbolo de todas as outras libertações, dos outros êxodos. O êxodo do grupo de Moisés incorporou os êxodos que os demais grupos realizaram.

Convém aqui ressaltar que foi nesse êxodo do Egito que Israel viu a experiência histórica que deu origem ao povo. A saída do Egito é como que a fundação do povo.

Estudiosos da Bíblia dizem que as sínteses de fé, isto é, os credos históricos de Israel, narrados em Dt 6,20-25 e 26,5-10, são as formulações de fé mais antigas do povo de Deus. Ao lê-los, você pode observar como a memória do êxodo e da presença de Deus nesse processo é o centro desses credos. Israel entende sua origem, seu início, na libertação da opressão faraônica no Egito.

### ***Os hebreus são setores excluídos na sociedade egípcia***

Quem são os hebreus no Egito? Serão todos da mesma etnia? Já vimos acima que a palavra “hebreus” designa um grupo de pessoas da mesma condição social. Todos são excluídos. Não são de uma mesma família. O próprio texto do Êxodo nos revela que eram uma mistura de gentes (leia Ex 12,37s!).

Quem eram, então, os hebreus? Para responder a essa questão, dê uma lida em Ex 1,8-14! Ali, você pode perceber que os hebreus são *trabalhadores forçados* que prestam serviços pesados, sob muita opressão, em obras do rei faraó.

Esses trabalhadores forçados são pessoas de várias origens:

- a) Camponeses egípcios recrutados para este fim.
- b) Certamente também poderão ser pessoas que, em época de seca, vêm em busca de sobrevivência no fértil delta do Rio Nilo, dentro do fenômeno da transmigração.
- c) Podem também ser prisioneiros de guerra escravizados. De qualquer forma, os hebreus, envolvidos nos episódios do êxodo, são setores marginalizados na sociedade egípcia.

### ***A resistência contra o faraó começa entre as mulheres***

Grupos desses hebreus, que moravam no delta do Rio Nilo, na região de Gessen, se organizaram e se libertaram. As mulheres foram as primeiras que resistiram. Foram as parteiras, a partir das casas, que, para defender a vida, se negaram a promover a morte. E Deus as recompensou por essa atitude.

Leia Ex 1,15ss!

Você pode ler Ex 2,1-10 e perceber que, com muita esperteza, mãe e irmã salvam a vida de Moisés. O nome Moisés é egípcio e está inseparavelmente ligado aos eventos da saída. Esse nome aparece, por exemplo, nos nomes de faraós como *Tutmoses* e *Ramsés*.

É interessante notarmos que a filha do faraó e suas companheiras também participaram da resistência coletiva das mulheres contra a morte das crianças. Miriam, a irmã de Moisés, já está nesse episódio, lutando em defesa da vida. Tornou-se a grande profetisa do êxodo.

### ***A indignação e a resistência vão crescendo***

Uma vez crescido, Moisés assumiu a luta em defesa de seus irmãos hebreus que estavam sendo oprimidos pelos capatazes do faraó (Ex 2,11-14). Reagiu de forma individual e violenta. Foi a primeira tentativa de reação diante da violência que Moisés viu sendo praticada contra o seu povo hebreu. Com sua ação violenta, causando uma morte, Moisés não conseguiu nada a não ser a perseguição. Viu-se obrigado a fugir

**O maior líder da fuga do sistema de opressão faraônica é Moisés, que aceitou de YHWH a missão de libertar o seu povo.**

da polícia egípcia. Dirigiu-se para a região de Madiã, a leste do Golfo de Ácaba (Ex 2,15-22). Veja no mapa a seguir.

Convém aqui fazer uma observação a que voltaremos mais adiante. A experiência dos hebreus no Egito e a dos pastores de Madiã são independentes uma da outra na origem. Os dois grupos fizeram seu êxodo para as terras de Canaã. Lá se encontraram. É a tradição teológica posterior que liga as suas experiências já antes de seu real encontro em Israel. Antecipa o que aconteceu só mais tarde. É essa tradição posterior que consta em nossas Bíblias.

### ***Moisés enriquece sua experiência de Deus***

Segundo essa tradição, em Madiã, Moisés casou com a filha de um sacerdote do Deus cujo nome é YHWH (Veja Ex 2,16; 3,1; 18,1-12!).

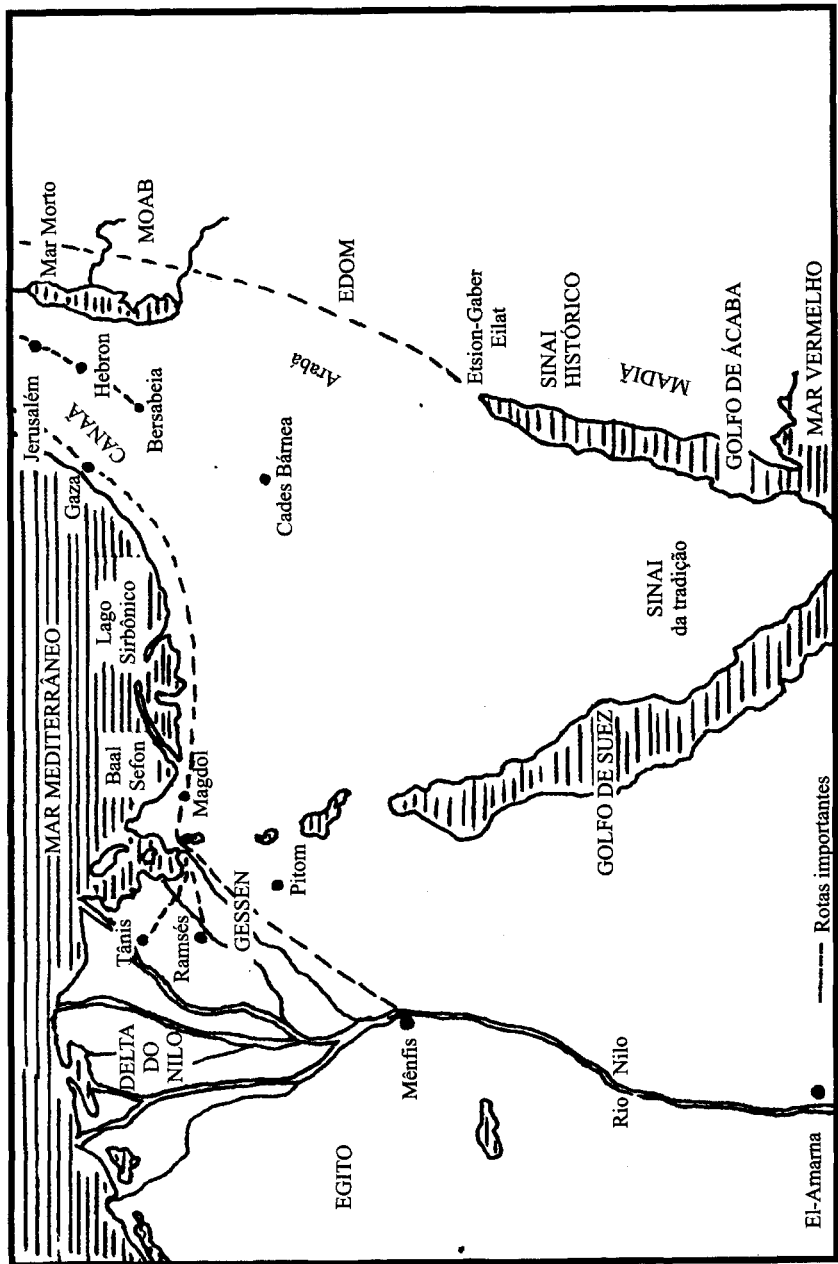
Junto a seu sogro, Moisés recebeu a revelação do Deus YHWH.

E aí ficou sempre mais claro para ele que o Deus vivo não é Deus de um lugar ou ligado a forças da natureza. Mas é uma presença misteriosa ligada ao povo e à conquista de vida e liberdade. Antes de continuar seu estudo, leia Ex 3,7-10!

Você percebeu que Moisés acredita num Deus que:

- vê a opressão de seu povo;
- ouve os gritos de aflição diante dos opressores;
- toma conhecimento de seus sofrimentos;
- desce para libertá-lo das mãos dos egípcios, fazendo-o sair desse país para uma terra boa e espaçosa, uma terra onde corre leite e mel;
- envia Moisés para que liberte seu povo do Egito;
- está junto (Ex 3,12).

Seria interessante que você lesse agora toda a vocação de Moisés em Ex 3,1-4,17 e refletisse sobre o chamado de Deus em sua vida no mundo de hoje!



Segundo a tradição que junta as experiências teológicas dos hebreus do Egito com a dos madianitas, Moisés ajudava seu sogro no pastoreio das ovelhas. No trabalho, certamente lembrava da falta de comida para seu povo lá no Egito. Moisés observava as ovelhas se alimentando da sarça. É justamente ali, na comida das ovelhas, que Moisés percebeu o brilho ardente da presença de Deus.

Na Bíblia, o fogo é um símbolo importante para falar da presença de Deus na vida (leia algum desses exemplos: Gn 15,17; Ex 3,2; 13,21; 19,18; 2Rs 2,11; At 2,31). Desde aquele momento, sua consciência não ficou mais tranquila. O chamado de Deus se tornou cada vez mais intenso. Depois de se desculpar cinco vezes diante do chamado de Deus, Moisés não tinha mais como resistir (leia Ex 3,11.13; 4,1.1 0.13!).

Não é também assim que acontece conosco? Sim. Como Moisés, também nós resistimos muitas vezes diante do chamado de Deus que ainda hoje continua nos enviando para uma grande e bonita missão: gerar, defender e promover vida e liberdade para os “hebreus” dos nossos tempos.

Por fim, quando Moisés aceita a missão divina, ele volta para junto dos seus no Egito (Ex 4,18-28). No mundo do trabalho, junto com Miriam e Aarão, continua o processo de organização e resistência dos hebreus, iniciado pelas mulheres nas casas (leia Ex 4,29s!). No lugar da violência que antes praticara, Moisés organiza os hebreus, pois a libertação não é tarefa que alguém possa assumir sozinho e com soluções imediatas. Agora tenta em grupo e consegue.

Toda a reflexão de fé sobre a presença de Deus no processo final de libertação está relatada em Ex 5 até 15.

### ***Os hebreus do Egito ainda não conheciam a Deus pelo nome YHWH***

Vamos nos aproximar agora um pouco mais da fé desse grupo de hebreus.

Inicialmente, convém lembrar que os hebreus egípcios não conheciam ainda a Deus sob o nome YHWH. Segundo tradição posterior, foi necessário que Moisés fugisse para a região do Sinai em Madiã, a leste do Golfo de Ácaba, a fim de que tivesse a experiência desse Deus.



Nessa região, se cultuava a Deus sob esse nome. Ali o sogro de Moisés era sacerdote de YHWH. Foi em Madiã que Moisés passou a conhecer a Deus por seu nome (leia Ex 3,14!). É possível que, ao incluírem nesse contexto a ida de Moisés para Madiã, a intenção dos autores do texto seja justamente ligar as diferentes experiências religiosas que participaram na formação da fé israelita durante o período das tribos.

Também os grupos seminômades, como vimos no item anterior, não conheciam a Deus pelo nome YHWH (leia novamente Ex 6,3!). A reflexão sobre a experiência com o Deus conhecido pelo nome YHWH deixaremos para o próximo item, quando vamos falar do grupo que vem do Sinai.

### ***Características da divindade dos hebreus***

Quais eram, então, as principais características da divindade dos hebreus, dos trabalhadores forçados no Delta do Nilo?

- Inicialmente, convém dizer que a experiência de Deus dos hebreus era semelhante à dos grupos de pastores de Canaã. Quer dizer que os hebreus do Egito acreditavam numa divindade com as características do “Deus dos pais”. Isso se torna tanto mais provável quanto mais se tiver presente que grupos seminômades das estepes de Canaã migravam para o Egito, especialmente em períodos de fome. A fé dos hebreus era, pois, num Deus próximo, companheiro, que acompanha seu grupo, que protege e guia.
- Os pastores seminômades designavam seu Deus como o “Deus dos pais”. De forma similar, os trabalhadores forçados do Egito o chamam de “Deus dos hebreus”. Veja, por exemplo, Ex 3,18; 5,3; 7,16; 9,1.13; 10,3!
- A experiência religiosa do êxodo testemunha o divino em meio à história. Confirma e aprofunda a fé no Deus que faz história com seu povo, que está junto para libertá-lo, lutando contra as divindades egípcias, que legitimavam o sistema faraônico.

### ***As pragas celebram a vitória antecipada de YHWH sobre os deuses de faraó***

No nível da fé, as pragas do Egito são, na verdade, uma queda-de-braço entre o “Deus dos hebreus” e as divindades do faraó. Pode-se

verificar isso no conflito entre os servos do Senhor, Aarão e Moisés, e os servidores dos deuses do faraó, os magos ou feiticeiros.

Leia agora Ex 7,8-12!

O relato desse sinal é a celebração antecipada da vitória do Deus dos

***Simbolicamente,  
morrendo o filho  
primogênito do faraó,  
isto é, o herdeiro do  
trono (Ex 11,5; 12,29),  
não há mais quem  
suceda o rei. Acabou-se  
o sistema faraônico.  
Não há mais quem  
o leve adiante.***

hebreus sobre as divindades egípcias. O fato de as “serpentes” dos magos serem engolidas pela “serpente” de Moisés quer dizer que o Deus dos hebreus já começou a ganhar.

Veja ainda como os magos das divindades egípcias conseguem fazer também a praga das águas poluídas (Ex 7,22), bem como a das rãs (Ex 8,3 ou 8,7 – conforme tradução de Almeida), da mesma forma como os servos do Deus dos hebreus.

Lendo Ex 8,14s (ou 8,18s – conforme tradução de Almeida), você perceberá que, a partir da terceira praga, a força de YHWH suplanta os deuses legitimadores da opressão. Os seus magos reconhecem que o verdadeiro Deus não está com o faraó, mas luta por vida e liberdade ao lado dos hebreus. A partir da quarta praga, os magos já nem tentam concorrer com Moisés e Aarão. Simplesmente reconhecem antecipadamente a vitória do Deus dos hebreus.

As pragas (Ex 7-11) são como que formas de pressão sobre o poder egípcio para conquistar a liberdade.

Diante da pressão e das estratégias dos hebreus organizados, o poder começa a ceder. Porém apenas faz concessões. Dá a mão para não perder o braço (confira em Ex 8,21-24 ou 8,25-28 – conforme a tradução de Almeida – e ainda 1 0,8-11.24!). Mas Aarão e Moisés insistem que a libertação que Deus quer não pode ser parcial ou pela metade. Tem que ser completa (Ex 10,25s).

Quando o texto diz que YHWH endureceu o coração do faraó (Ex 7,3; 9,12.35; 10,20.27; 11,10), a intenção teológica é mostrar, por um lado, que é YHWH quem conduz a história. Ele tem a história em suas mãos. Por outro lado, os autores querem ressaltar a permanente e grandiosa inter-

venção de Deus em favor do povo hebreu. O faraó que imaginava comandar, na verdade, é só instrumento (é claro que é responsável por seus atos!) a serviço de um desígnio mais amplo de Deus. Deus encaminha tudo, até “tirando o bem do mal”. Além do mais, há o motivo literário: quanto mais o faraó se mostra duro, tanto mais maravilhosa será a vitória de YHWH.

A finalidade das pragas não é, em primeiro lugar, praticar violência contra os detentores do poder, mas é, na verdade, tentar convertê-las, fazendo com que reconheçam YHWH (Leia Ex 7,5.13; 9,7.35!).

O último e mais grandioso dos sinais, a morte dos primogênitos, nos quer ensinar que o projeto de Deus que os hebreus buscaram concretizar sob a forma de tribos não pode ser continuidade do sistema hierárquico e de exclusão como o poder dos faraós. Simbolicamente, morrendo o filho primogênito do faraó, isto é, o *herdeiro do trono* (Ex 11,5; 12,29), não há mais quem suceda o rei. Acabou-se o sistema faraônico. Não há mais quem o leve adiante. A morte do herdeiro do trono nos quer ser uma grande lição. No novo projeto na Terra Prometida, o poder não pode mais ser centralizado e autoritário, em que as decisões são tomadas em gabinetes na calada da noite. Pelo contrário, o novo poder supõe participação popular. É o que Moisés aprenderá do seu sogro, como veremos adiante.

### ***Fugir. Mas para onde?***

No delta do Rio Nilo não há montanhas despovoadas ou outro espaço ainda não ocupado para onde os hebreus pudessem fugir. Por isso, seu rumo será outro. Dirigem-se em direção às montanhas de Canaã.

### ***Quantas pessoas fugiram?***

Essa libertação se deu em forma de fuga, provavelmente envolvendo mais grupos menores de hebreus. Ex 12,37 informa que foram mais de 600 mil pessoas que participaram da fuga do Egito. Esse número supera a população posterior nos reinados de Israel e Judá.

Sabemos que os números na Bíblia, na maioria das vezes, são simbólicos. Não podem, portanto, ser interpretados de forma quantitativa como se o número em questão fosse de fato a quantidade de 600 mil pessoas. Quase a totalidade dos números na Bíblia devem ser interpretados de forma qualitativa.

Se o texto fala em muita gente na saída do Egito, mais do que falar na quantidade de pessoas, quer mostrar o quanto foi significativa a presença de Deus na libertação. Do ponto de vista simbólico, teológico, esse número mostra quão significativa foi a ação de Deus em favor de seu povo.

Além do mais, pelo menos até hoje, a arqueologia não descobriu nenhum texto egípcio que se referisse a esse fato enquanto fuga de milhares de pessoas. Somente descobriu textos que falam da fuga de grupos pequenos de escravos. Ao “exagerar” nos números, os autores do texto querem mostrar aos leitores de sua época, e também aos de hoje, o quanto foi central em sua fé todo esse processo libertador e, especialmente, a presença de Deus que faz história com seu povo.

Por outro lado, as 600 mil pessoas refletem aproximadamente o número de pessoas do reino unido de Israel na época de Salomão, quando o texto foi escrito. Esse número quer, portanto, incluir todo o povo na experiência de libertação do êxodo.

### ***O caminho para a liberdade***

Ex 14,2 nos narra que o caminho percorrido durante a fuga foi entre Magdol e o mar, defronte de Baal Sefon. Isso significa que a fuga foi pela estrada dos filisteus que passava entre Magdol e o lago Sirbônico, próximo ao Mar Mediterrâneo. É o caminho mais curto entre as terras de Canaã e o Egito. Confira no mapa acima a localização de Magdol, Baal Sefon e do lago Sirbônico.

### ***O evento junto ao mar***

O grande milagre do êxodo foi a conquista da liberdade. Milagre difícil de concretizar, tanto que ainda hoje continuamos no seu encaço. Certamente, as condições geográficas junto ao mar tiveram papel importante na fuga. Essa experiência da presença de Deus junto às águas ficou gravada na memória do povo como fundamental para vencer o poder que o oprimia, reprimia e perseguia. Tanto isso é verdade, que as sucessivas releituras feitas pelos israelitas durante sua história, quanto mais distantes do fato ficavam, tanto mais engrandeciam a presença de Deus na conquista da liberdade.

Historicamente, a fuga terá sido de um ou mais grupos de hebreus e hebreias ao redor de 1200 a.C. Contra toda a lógica da opressão faraônica,

conseguiram escapar dos soldados que vigiavam a entrada e a saída do Egito. Ramsés II foi o faraó da opressão. Seus trabalhadores forçados construíram grandes cidades. Mernefta era o faraó na época da fuga.

### ***Três versões do mesmo fato***

Antes de continuar o estudo, leia atentamente o relato da derrota final dos egípcios em Ex 14,15-31.

Você conseguiu distinguir três versões sobre o mesmo fato? Em caso de resposta negativa, leia novamente e tente descobrir!

Estudando as diferentes releituras de épocas diferentes e de diversos contextos, os biblistas descobriram que este texto é como um tecido feito com fios de três cores. Uma delas, porém, é a cor dominante. Ressalta-se sobre as demais. Olhando à distância, só se enxerga essa cor.

Algo semelhante acontece com o fato narrado nesse texto. Separando os fios do tecido do texto, podemos perceber como os redatores finais costuram os fios de cores diferentes.

**1ª versão:** historicamente, os fatos ocorreram ao redor de 1200 a.C. A partir de então, essa fascinante fuga foi contada oralmente e celebrada durante uns 250 anos. Só então, sob a opressão do rei Salomão, ao redor de 950 a.C., ela foi escrita pela *primeira* vez. Essa releitura da fuga junto ao mar é descrita como se fosse facilitada por um vento que fez as águas recuarem. A fuga se dá como que na “maré baixa” (leia somente os versos 21a.b.26-27!). No texto, a cor deste fio, desta releitura, fica por trás dos outros, isto é, não aparece com muita evidência.

**2ª versão:** os biblistas situam a *segunda* releitura no Reino do Norte pelo ano de 850 a.C. Nessa época, o povo está sob a tirania da dinastia inaugurada pelo rei Amri ou Omri (1Rs 16,21-28). Já essa segunda interpretação do mesmo fato dá um colorido diferente. Esta versão afirma que Deus, lá de cima das nuvens, atolou na areia as rodas dos carros de guerra do exército faraônico, facilitando a fuga (leia somente os vv. 24s!). É como um segundo fio de um mesmo tecido, mas este também fica em segundo plano.

**3ª versão:** ao redor de 550 a.C., durante o exílio na Babilônia, parte dos israelitas são oprimidos longe de sua terra. Mais do que nunca esperam por um novo êxodo. Fazem, então, uma nova releitura dos acontecimentos

do êxodo. Esta *terceira* reinterpretação, distante mais de 600 anos dos fatos, é a mais espetacular de todas. Agora, as águas se abrem em paredes, formando um grande corredor de passagem da escravidão para a liberdade (leia somente os vv. 21c-22s.28ss!).

**O grande milagre do êxodo junto às águas é a conquista da liberdade.**

O que fizeram os redatores finais do livro do Êxodo? Eles teceram os fios desse texto com as três versões do mesmo fato, mas de épocas, lugares e realidades diferentes, dando ao tecido um colorido especial. A cor que mais aparece é a da terceira tradição. A um leitor desatento, passam despercebidas as duas outras versões. Todas as três, contudo, são leituras de fé daqueles fatos do passado. Fazem memória da presença de Deus nos acontecimentos de libertação. Nas diferentes épocas em que são feitas essas releituras, o povo sempre está precisando de um novo êxodo, de uma nova saída de situações de sofrimento, de opressão. A memória do passado quer iluminar o presente sem perspectivas.

A festa da vitória é organizada pelas mulheres. Segundo a pesquisa, o canto de Miriam e suas companheiras de luta (Ex 15,20s) é a formulação mais antiga do evento do êxodo.

Os cânticos de Moisés (Ex 15,1-18) e Miriam celebram a presença libertadora de Deus na história.

### ***O êxodo do grupo de Moisés absorve os demais êxodos***

Ao se integrar aos demais grupos nas montanhas de Canaã, o grupo de Moisés, com seu êxodo “espetacular”, foi capaz de absorver os êxodos dos demais grupos. Isso se dá certamente por ter visto de perto a opressão do faraó, por um lado, e sua derrota, por outro. Foi a experiência mais fantástica entre todas. Ela como que se impôs. Nela, Israel viu sua origem, sua fundação enquanto povo de Deus.

### ***A Páscoa dos hebreus celebra a passagem da escravidão para a liberdade***

Para os *camponeses cananeus*, a sua festa da primavera, a festa da colheita da cevada, é a passagem do cereal velho para o novo. Para os *pastores semi-*

*nômades*, sua festa da Páscoa é a passagem de um acampamento velho para um novo. São festas ligadas à natureza.

Já para os *hebreus* fugitivos, sua festa é a passagem da escravidão para a liberdade, de uma situação de menos vida para outra de mais vida em terra libertada. Aqui há um dado novo. É festa que celebra um fato singular na história do povo.

Ao se juntarem essas experiências diferentes durante a formação das tribos nas montanhas de Canaã, os israelitas acolheram as diversas tradições religiosas e culturais e as integraram na nova organização, na sociedade tribal. A festa da Páscoa, assim como os judeus ainda hoje a celebram, é fruto dessa integração. Celebra a Deus, que conduziu a saída do Egito, numa cerimônia onde não faltam o pão sem fermento, o cordeiro e as ervas amargas.

### **Para você continuar a reflexão**

1. Qual a razão que nos leva a dizer que a experiência de libertação dos hebreus no Egito foi como que a fundação do povo de Israel?
2. Leia Ex 1,8-14 e responda: quem foram os hebreus do Egito?
3. Leia novamente Ex 1,15-2,10 e responda: qual foi o papel das mulheres na resistência contra a opressão faraônica?
4. Em que consistiu a experiência de Deus dos hebreus no Egito.
5. Como está presente em sua caminhada de fé hoje a experiência do Deus que faz história com seu povo?

### **d) Pastores seminômades vindos do Sinai em Madiã**

E assim, chegamos ao quarto grupo que teve uma grande contribuição para a formação de Israel em Canaã e que não poderíamos deixar de analisar.

#### ***Atividade básica do grupo de Madiã***

Como os grupos seminômades de Canaã, também este é formado por pastores. Suas características, portanto, são semelhantes às que elencamos acima, quando falamos dos pastores seminômades de Canaã.

## ***De onde vem o grupo do Sinai?***

Diferentemente dos pastores seminômades de Canaã, estes vêm de fora. Vêm dos arredores do monte Sinai na região de Madiã a leste do Golfo de Ácaba e ao sul do Mar Morto.

O "nome" e a "unicidade" de Deus foram as contribuições peculiares do grupo que veio de Madiã. São a maior herança dos pastores do Sinai.

A península entre o Golfo de Suez e o Golfo de Ácaba recebeu o nome de Sinai apenas no século IV da era cristã, quando monges se estabeleceram lá e ficaram impressionados com a majestade das montanhas. Veja no mapa da página 49 onde se localizam o Sinai da tradição e o Sinai histórico!

Na Bíblia, o Sinai recebeu também o nome Horeb ou Monte de Deus (Ex 3,1; 1Rs 19,8). É possível que, nas origens, os três montes tenham sido distintos e representem experiências diferentes de Deus. Mas, para os atuais textos bíblicos, trata-se da mesma localidade. É como uma síntese de diversas tradições de fé.

### ***O Deus do grupo de Madiã tem nome***

Quanto ao "nome de Deus", já vimos acima que a tradição fez Moisés ir até os pastores de Madiã para conhecer a Deus pelo nome YHWH. YHWH é "aquele do Sinai" (Jz 5,5). Os grupos pastoris das estepes de Canaã só conheceram a Deus por esse nome depois que os pastores da região do Sinai se integraram na experiência tribal (Ex 6,3).

Por isso, a maior herança de Israel recebida desse grupo certamente é o culto a YHWH. Esse nome de Deus significa "Eu sou o que sou" ou "Eu sou aquele que está aí. O teólogo Leonardo Boff, traduzindo de forma popular o significado do nome de Deus, disse que quer dizer: "Tô que tô do lado de vocês".

### ***Características fundamentais da fé no Deus YHWH***

1) Nas origens, é um Deus intimamente ligado a fenômenos climáticos e vulcânicos

Uma das características fundamentais desse Deus é que, nas origens, Ele está intimamente ligado a fenômenos climáticos (chuva e trovões) e a fenômenos vulcânicos (terremoto, fumaça, fogo).



Leia Jz 5,4s e Ex 19,16-19!

Você percebeu esta ligação do Deus culto pelos pastores seminômades de Madiã com fenômenos climáticos e vulcânicos? A arqueologia descobriu que, em épocas não muito distantes da pré-história de Israel, houve vulcões ativos na região de Madiã, hoje extintos.

**De um Deus fixo à montanha, YHWH passa a ser dinâmico e faz história com seu povo.**

### 2) *Inicialmente, o culto a YHWH era celebrado na montanha*

É um culto inicialmente celebrado na montanha. Com a integração das diferentes experiências religiosas na terra de Canaã, essa localização fixa de Deus vai, aos poucos, mudando. Não mais no alto da montanha, mas no chão. Nem mais em grandes árvores, mas no capim que servia de comida para ovelhas. De um Deus fixo à montanha, YHWH passa a ser dinâmico e faz história com seu povo.

A origem, portanto, do culto a YHWH vem dos montes de Madiã, onde Jetro é seu sacerdote (Ex 3,1; 18,1-12). Há um texto egípcio de antes de 1400 a.C. que já se refere ao culto ao Deus do Sinai. É, portanto, um culto pré e extraisraelita, isto é, anterior a Israel, enquanto povo organizado e de fora de Canaã.

Convém aqui lembrar que a religião de YHWH não aceitava sacerdotisas, ao contrário de todas as outras religiões.

### 3) *YHWH é único. É um Deus ciumento*

Quanto à “unicidade de Deus”, é fundamental perceber que Ele é *único* e não admite outros deuses. É um Deus fiel. Chega a ser ciumento, exigindo fidelidade absoluta de seu povo (leia Ex 20,2-6; Dt 4,24!). Porque muito ama, YHWH não quer que seu povo siga divindades que eram usadas para legitimar a opressão. Por causa desse amor, Deus chega a ser ciumento.

Num mundo onde todos os povos cultuavam várias divindades, Israel ensaia algo diferente. É verdade que o faraó Amenófis IV (1374-1347) também formulou uma religião em torno de um único Deus. Mas certamente ele foi uma exceção entre os reis do Egito. O fato é que, no Egito, se cultuavam muitos deuses, entre eles: Amon-Rá, Ísis e Osms.

Uma hierarquia de deuses pode legitimar uma hierarquia também entre as pessoas. Em vez de unir, pode promover a divisão em grupos sociais, onde uns têm mais direito à cidadania e à vida que outros.

**A unicidade de Deus é uma das grandes contribuições de Israel à teologia universal.**

Já a fé num Deus único, por outro lado, deveria contribuir para a construção de outro jeito de se relacionar. É só pensar na forma predileta com que Jesus chamava o Deus único e verdadeiro. Sempre o invocava como “Pai”. Se Deus é o único criador e libertador, se Ele é Pai de todas as pessoas, então nós somos filhas e filhos seus. Conse-

quentemente, entre nós somos irmãs e irmãos.

Sabemos que, historicamente, a opção por um Deus único e masculino legitimou a opressão e a inferiorização da mulher. Assim foi na história de Israel da época do Primeiro Testamento. Porém a prática de Jesus em relação às mulheres representou grandes avanços. Mas já no final do primeiro século da era cristã, o patriarcado foi assumido, não sem resistências, em plenitude nas comunidades. Hoje, 2 mil anos depois, continuam práticas patriarcais em várias denominações cristãs. Outras já fizeram uma boa caminhada na busca de parceria nas relações de gênero também nas Igrejas.

Aqui, é bom lembrar que há uma grande diferença entre, por um lado, defender a fé num único Deus a fim de defender e promover a vida e, por outro lado, impor um único Deus, com ou sem o poder das armas, a fim de legitimar a escravidão sobre, por exemplo, os povos indígenas e negros nas Américas no século XVI.

### ***O grupo do Sinai também faz sua experiência de êxodo***

Entre os anos 1300 e 1200 a.C., chegaram a Canaã os Povos do Mar. Entre eles estavam os filisteus, que se estabeleceram no litoral, junto ao Mar Mediterrâneo. Outros se instalaram na Transjordânia. Entre eles, estavam, possivelmente, os amonitas a leste do Rio Jordão, os moabitas a leste do Mar Morto e os edomitas a sudeste do Mar Morto.

Em Gn 36,35, diz-se que Adad, rei de Edom, derrotou os madianitas.

É provável que a dominação edomita sobre Madiã, ao sul, tenha provocado migrações de grupos excluídos para a região de Canaã. Ali chegando, integraram-se na experiência tribal. Nessa migração, na linguagem

de Jz 5,4, junto com eles “marchava” também seu Deus. O Deus da montanha deixa de ser um Deus a quem é necessário ir. Agora, passa também a ser um Deus que acompanha, faz história com seu grupo. Os pastores vindos de Madiã, tal como os demais grupos, também fazem sua experiência de êxodo.

Como Madiã é uma área de mineração, uma provável contribuição dos adoradores de YHWH é o conhecimento do manuseio do ferro, o que poderá ter contribuído para a ocupação das florestas e o cultivo da terra.

### ***Os textos mais antigos não conhecem a ligação entre o Sinai e o êxodo***

Antes da formação das tribos, as experiências do grupo de Madiã, por um lado, e dos trabalhadores forçados do Egito, por outro, eram experiências diferentes. Os textos bíblicos mais antigos não conhecem a ligação entre as tradições do Sinai e do êxodo. Os credos antigos de Israel (Dt 6,21-23 e 26,5-9), bem como o importante cabeçalho das duas edições dos 10 mandamentos (Ex 20,2; Dt 5,6), fazem referência somente ao êxodo. Não levam em conta a importância do Sinai.

Já em Jz 5, outro texto muito antigo, celebra-se a presença libertadora de Deus fazendo referência somente ao Deus do Sinai. Se, nessa ocasião, já se tivesse conhecimento dos eventos do êxodo, dificilmente se celebrariam os feitos de YHWH sem falar também de suas façanhas em favor de seu povo no Egito. Sobretudo, tendo em conta que em ambos os acontecimentos – a vitória sobre os reis cananeus e a vitória sobre o faraó – fala-se da vitória de YHWH por meio das águas.

Quando os dois grupos, junto com os demais, se encontram em Canaã, então, sim, acontece uma integração de suas experiências. A ida de Moisés a Madiã, quando ainda estava no Egito, bem como sua passagem por lá ao peregrinar pelo deserto em direção à Terra Prometida têm como intenção teológica mostrar que foi YHWH o grande promotor da libertação dos hebreus no Egito.

### **Para você continuar a reflexão**

Quais foram as principais contribuições da experiência religiosa do grupo que vem de Madiã?!

## e) Outros grupos

Outros grupos ainda terão participado na formação das tribos. Além dos principais grupos analisados acima, há referências nos textos bíblicos a outros grupos que também deram sua contribuição. Integraram-se no povo de Israel, enriquecendo-o com suas experiências. Passemos à listagem de mais essas tribos:

- Gn 36 nos fala dos **edomitas** que aderem ao povo de Israel.
- É possível que a tribo de **Dã** tenha se originado dentre os Povos do Mar, como os filisteus. Os danitas eram conhecidos dos gregos (Js 19,40ss; Jz 18).
- Os **gabaonitas** também terão se integrado ao povo israelita (Js 9-10).
- **Issacar**, que é o nome de uma tribo, quer dizer “*homem assalariado*”. Provavelmente sua origem está no meio dos trabalhadores que prestam serviços aos reis nas cidades-estado da planície de Jezrael ou Esdrelon (Gn 49,15; Js 19,17-23).
- Empobrecidos das cidades também terão se juntado aos israelitas nas montanhas de Canaã. É como uma volta à roça. É, por exemplo, o caso do clã da prostituta **Raab** de Jericó (Js 2; 6,22-25) e de um clã de Betel (Jz 1,22-26).
- Igualmente, os **quenitas** se aliaram a Israel tribal. Certamente será por essa razão que uma tradição posterior chama o sogro de Moisés de quenita (Jz 1,16; 4,11). Foi inclusive Jael, a mulher do quenita Heber, quem matou o general Sísara, lutando lado a lado com os israelitas contra os reis cananeus (Jz 4,17-21). Os quenitas eram nômades. No início do reinado, Saul poupa os quenitas (1Sm 15,6), e Davi lhes manda presentes (1Sm 30,29). O fato de, em outras tradições, o sogro de Moisés ser madianita, é porque também grupos de Madiã se integraram à experiência tribal, como vimos no item anterior (Ex 2,16; 3,1; 4,18; 18,1).
- O clã de **Caleb** também aderiu ao Deus único cultuado pelas tribos (Js 14,6-15; 15,13-20).
- Retirantes do oásis de **Cades Bárnea** também terão se integrado às tribos (Nm 13,25-29; 20,1.14-22).

- **Trabalhadores portuários**, integrantes das tribos de Zabulon (Gn 49,13), bem como de Dã e Aser (Jz 5,17), também fazem parte da organização tribal.
- Por último, lembramos os **recabitas**, dedicados adoradores de YHWH (2Rs 10,15-17; Jr 35).

Antes de partirmos para a próxima parte, convém lembrar novamente que, embora as montanhas centrais de Canaã sejam o palco central da organização das tribos, também na planície se experimentou uma nova forma de conviver. Há indícios fortes em textos bíblicos de que, também em meio ao território das cidades-estado, existiram experiências alternativas. É, por exemplo, o caso do grupo de Issacar. Leia Gn 49, 14s e Js 19,17-23!

As informações desses textos nos dão conta de que, na planície de Jezrael, um grupo organizado se articulou como tribo. Issacar significa literalmente “homem assalariado”. Pode ser que essa tribo prestasse serviços a terceiros, talvez ao pessoal das cidades-estado dessa planície, uma vez que estas continuavam existindo durante o período das tribos. Pode ser também que tenha deixado de trabalhar para outros, indo embora e se integrando ao povo de Israel, a uma vida mais liberta.

Outras tribos articuladas agora com Israel prestavam serviços em portos. É o caso das tribos de Zabulon (Gn 49,13; Dt 33,18s), Aser e Dã (Jz 5,17).

### **Para você continuar a reflexão**

1. Como você imaginava a conquista da Terra Prometida e como a vê agora?
2. De tudo que refletimos até aqui, o que foi mais importante para sua caminhada de fé?

## **3 Tribos de Israel – um novo jeito de conviver**

### *O que todos esses grupos tinham em comum?*

Todos esses grupos tinham algo que lhes era próprio, mas também tinham algo que era comum aos demais. Senão vejamos:

- Acima de tudo, sua condição socioeconômica os unia. Eram hebreus, isto é, excluídos.
- Todos fizeram oposição às cidades-estado.
- Todos fizeram seu êxodo, sua libertação da dominação dos reis.
- Todos fizeram uma experiência de passagem, de Páscoa.
- Todos fizeram uma forte experiência de Deus no processo histórico de libertação.

### *Importância da assembleia de Siquém*

Esses grupos, com tradições tão diversas e ao mesmo tempo tão semelhantes, tinham objetivos comuns: viver livres da opressão, na fraternidade, respeitando-se nas diferenças que não comprometiam a unidade do novo projeto, mas também optando conjuntamente por aspectos essenciais para a sobrevivência da experiência alternativa que estava nascendo.

Dessa mesma forma procederam os quilombos, ao tentarem conscientemente construir uma sociedade livre em pleno Nordeste brasileiro escravocrata. Para evitar os particularismos locais que poderiam atrapalhar a nova convivência nas comunidades de Palmares, os quilombos mantiveram elementos essenciais luso-brasileiros, como a língua e a religião. Foi assegurada, porém, a prática de costumes africanos e indígenas naquilo que não tinha força para comprometer a unidade dos quilombos.

Na formação de Israel, não terá sido diferente. Como em Palmares, também em Israel a religião teve um papel decisivo nesse processo. Idealizaram uma religião modelo como projeto a ser sempre buscado. Nessa nova forma de viver a fé, todos passaram a cultuar o Deus cujo nome é **YHWH** e que faz história com seu povo. A fé nesse Deus único criou uma identidade religiosa. Tornou-se fermento de transformação social.

A grande assembleia de Siquém indica esse desejo, essa aliança, em que todos os grupos envolvidos na formação das tribos israelitas se comprometeram a ser fiéis a esse Deus. A partir daquele momento, **YHWH** deveria ser o Deus único, o Deus de todos os grupos. A assembleia de Siquém é lembrada como o ponto alto dessa nova organização. Mais adiante, voltaremos a esse assunto.

Mesmo que você já tenha lido sobre essa assembleia em Js 24,1-28, vale a pena ler de novo.

A festa da Páscoa simboliza muito bem essa síntese das diferentes tradições religiosas, unificando-as ao redor do que havia em comum. Todos fizeram a experiência de *Páscoa*, de “*passagem*” da opressão para a liberdade, para a terra onde corre “*leite e mel*”, isto é, terra boa.

Foram os hebreus, pessoas à margem das sociedades da época, de diversas etnias, tradições e lugares, que formaram o “Povo de Israel”.

A ciência nos ajuda a compreender que Israel não se formou a partir de uma só etnia, mas a partir de vários grupos de excluídos. Leia com atenção o que foi publicado no “Correio do Povo”/RS, no dia 14 de maio de 2000, na página 10:

*“Irmãos genéticos. Os judeus e os árabes, apesar de uma história marcada por conflitos ancestrais, compartilham o mesmo patrimônio genético, de acordo com um estudo científico baseado no DNA. Conforme o pesquisador da Universidade de Leicester, na Inglaterra, Mark Jobling, os judeus são irmãos genéticos dos palestinos e inclusive dos libaneses e dos sírios”.*

Só mais tarde, no reinado, especialmente a partir do exílio babilônico no século VI a.C., é que se desenvolve a ideologia da “etnia judaica” como raça eleita.

Nas origens, não foi assim. Fazer parte do Povo de Israel não significava pertencer a uma mesma árvore genealógica ou ser descendente de Abraão. Como vimos, hebreus são todas as pessoas excluídas pela sociedade daquele tempo.

Partindo dessa compreensão, podemos dizer que, nos dias de hoje, as pessoas e os grupos marginalizados do mundo todo são Povo de Deus.

O profeta Isaías nos deixa claro quem é o povo de Deus. “*Meu povo*” são os pobres e todos os que se solidarizam com eles (confira Is 3,12-15; 6,9!). Quando Isaías se refere aos que excluem as pessoas, os pobres, ele diz “*esse povo*” (veja também Mq 3,1-4!). É uma atitude não de intimidade, mas de distância.

Quase 3 mil anos depois, nas montanhas do Nordeste do Brasil, a experiência dos quilombos é mais ou menos uma reedição do que deverá ter sido a formação das tribos de Israel. Vindos de diferentes engenhos de cana-de-açúcar, com costumes distintos, crenças próprias e línguas dife-

rentes, grupos negros, junto com alguns poucos brancos solidários com sua causa, também ensaiaram uma sociedade livre da escravidão, livre do estado monárquico.

### Para você continuar a reflexão

1. O que há em comum nos principais grupos que participaram na formação das tribos?
2. Qual foi a importância da Assembleia de Siquém nesse processo?

### 3.1 Organização em tribos

Mais tarde, quando as primeiras tradições orais da Bíblia começaram a ser escritas, os reis dividiam seus territórios em 12 distritos administrativos, administrados por 12 prefeitos. Essa organização visava assegurar o

*O número de tribos quer indicar "todos" os grupos, independentemente de sua quantidade numérica, que se integraram na organização tribal como alternativa às cidades-estado da terra de Canaã e do Egito.*

abastecimento regular para a manutenção da corte, do exército, do comércio, do luxo dos detentores do poder. Cada distrito sustentava a corte durante um mês.

Leia 1Rs 4,7!

Como você pôde ler, Salomão tinha 12 administradores distritais que deviam, um a cada mês, abastecer o rei e toda a sua corte. Provavelmente, o

reinado de Salomão adotou essa estrutura das cidades-estado cananeias. O número 12 passou, então, a ser símbolo de todo o território do reino. Afinal, abrangia toda a população. O 12 simbolizava todo o povo, todos os distritos.

Conforme o que nos narra o livro de Josué, Israel se organizou em 12 tribos. Na Transjordânia, instalaram-se as tribos de Rúben, Gad e parte de Manassés (Js 13,8-33). Na Cisjordânia, de sul a norte, temos as tribos de Simeão, Judá, Dã, que mais tarde migrou para o norte (Jz 18), Benjamim, Efraim, parte de Manassés, Issacar, Zabulon, Aser e Neftali (Js 14-19).

A afirmação, então, de que Israel se organizou em 12 tribos, mais do que se preocupar pela quantidade, é uma referência a "todos" os grupos



que participaram na organização de uma sociedade tribal, alternativa, solidária e fraterna. O número 12 virou símbolo de todo o povo de Israel.

Também no Segundo Testamento, aparece várias vezes o número 12, indicando não tanto quantidade numérica, mas indo além do número. E o sentido simbólico aponta para realidades bem mais profundas. É uma referência a todo o povo de Deus ou a todas as comunidades. Confira o uso simbólico do número 12 nos seguintes textos: Mc 5,25.42; 6,7.43; Ap 12,1!

### ***As tribos se articulavam entre si***

O novo sistema experimentado pelos israelitas pode ser reconstituído da seguinte forma. Havia uma articulação, um pacto entre as *tribos*. Representantes de todas elas se reuniam periodicamente em assembleias para celebrar sua fé e decidir questões de interesse comum, tal como a assembleia de Siquém.

Cada tribo também fazia suas assembleias para celebrar culto a Deus, para celebrar a memória da ação de Deus na sua história passada e presente.

Tanto em cada tribo como no conjunto das tribos, os *levitas* exerciam um papel fundamental. Eram os encarregados das atividades do culto e da transmissão das tradições.

### ***As tribos eram uma associação de vários clãs***

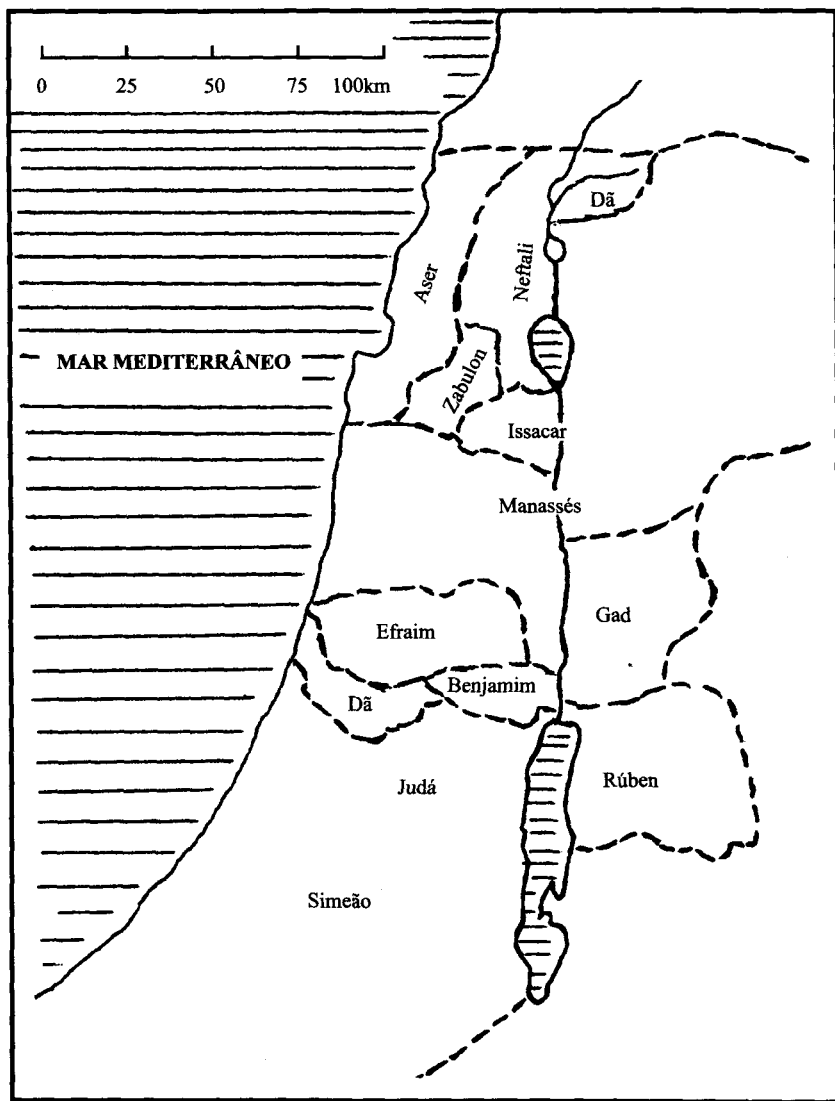
Cada tribo, por sua vez, se subdividia em vários *clãs* ou associações protetoras de famílias. Cada clã era composto de aproximadamente 50 famílias. Seus chefes constituíam a coordenação dos clãs.

Aos clãs competia tratar:

- do auxílio econômico mútuo;
- do recrutamento militar;
- das celebrações;
- da observância das leis tribais;
- dos acordos matrimoniais.

### ***Cada clã era formado por várias famílias***

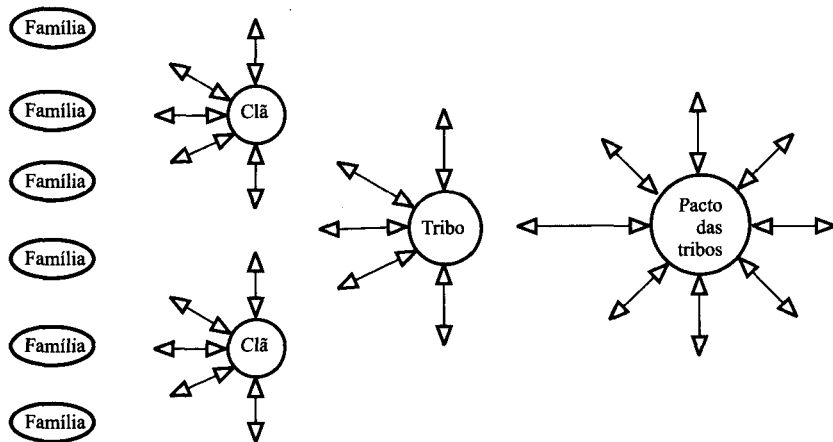
A *família* era a unidade básica. Tendo aproximadamente 50 pessoas, era composta pelos maridos, esposas, filhos, filhas e parentes próximos.



Divisão simbólica das tribos

Era nas famílias que se celebrava a festa da Páscoa.

Para visualizar o jeito de as tribos se organizarem, olhe atentamente o quadro abaixo!



Várias famílias formavam um clã, e vários clãs formavam uma tribo.

### 3.2 Principais características do projeto tribal

A partir dos elementos que a própria Bíblia nos fornece, tentaremos, neste capítulo, descrever como terá sido, nos seus diversos aspectos, a vida das tribos, clãs e famílias em Israel.

Certamente nem tudo ia às mil maravilhas. Que havia dificuldades, isso o próprio livro dos Juízes nos relata.

Citemos apenas três exemplos:

- Apesar de as tribos haverem optado pela fé num único Deus, na vida cotidiana a situação era outra (veja Jz 2,11-13; 3,7; 10,6) .
- Houve tentativas de trair o projeto, propondo a instituição de um rei no lugar de YHWH (leia Jz 8,22-23!). Abimelec até conseguiu impor um pequeno reino que durou três anos (veja Jz 9!).
- As mulheres continuavam sob a dominação econômica e sexual dos homens. Entre os 12 juízes citados, há somente uma mulher: Débora (4-5). A sua presença forte, como também de Jael (4,17-21; 5,24-27), possivelmente indica um maior espaço das

mulheres no tribalismo do que nas sociedades cananeias da época. Mas o predomínio dos homens era muito grande. Veja também o abuso e assassinato da mulher do levita de Efraim (19,1-30)! Lendo os versículos 22 a 26, você pode perceber como a mulher era considerada inferior ao homem. Este não podia ser desonrado, mas aquela... Confira!

Aqui, nossa intenção é realçar o que havia de bom, novo, diferente das sociedades dos reis de Canaã ou mesmo do Egito. Israel ensaiou um projeto alternativo nos diferentes aspectos da vida: econômico, político, religioso, militar e no exercício da justiça.

Tal como fizemos com as cidades-estado, vamos aqui resurair as principais bases que regiam as relações na sociedade tribal em Israel. Certamente, essa proposta de sociedade alternativa teve muitas dificuldades, não só internas, mas também vindas de fora. Os reis cananeus queriam, por um lado, voltar a oprimir os camponeses livres e, por outro, destruir um projeto que representava uma denúncia e, ao mesmo tempo, uma ameaça para seu sistema de opressão.

Não temos na Bíblia uma descrição bem articulada dessa experiência. Temos, contudo, vários textos, naturalmente escritos em épocas posteriores, que jogam luzes sobre aqueles dois séculos de vivência fraterna nas tribos, de acordo com a vontade de Deus.

### **a) Solidariedade econômica**

No sistema egípcio e dos reinos cananeus, havia acumulação de riquezas nas mãos de poucos. Altos tributos eram cobrados das famílias camponesas. O comércio visava ao luxo e ao acúmulo. O latifúndio acumulava terras, enquanto as famílias camponesas se tornavam sem-terras.

As tribos ensaiaram algo novo, diferente. Vejamos as características dessa *nova economia*:

- No sistema tribal, havia autonomia na produção.
- Não havia tributação.
- Nem acúmulo de bens, seja em terras, seja em produtos.
- A produção era fundamentalmente de cereais e de gado pequeno, isto é, ovelhas e cabras.

- A acumulação era proibida em vista do bem comum. Partilha era a palavra de ordem e acontecia em grandes festas.

Leia agora Ex 16,1-30!

Por um lado, essa narrativa sobre as codornizes e o maná quer falar sobre o Deus de Israel. Ele é um Deus providente que não pode ver nenhum de seus filhos e suas filhas passando fome. Em resposta a esse Deus, a atitude de fé do povo deve ser de confiança na providência divina.

Por outro lado, especialmente Ex 16,13-27 nos mostra que ainda existia o vício do acúmulo, consequência da vida no sistema do faraó do Egito de onde acabavam de se libertar.

A caminhada pelo deserto como que antecipou o jeito de conviver na terra prometida. Foi como que uma escola onde as pessoas foram se desfazendo dos maus hábitos introjetados lá no Egito e assimilando novas formas de vida.

Observe que os hebreus deviam recolher segundo a necessidade de cada pessoa, de cada família (veja vv. 16-18!). Mas ainda havia quem acumulasse (confira vv. 19s!). E o interessante é que o acumulado apodrecia.

Também Jesus condenou o acúmulo de riquezas, pois sabia que, se há sobra em algum lugar, é porque há falta em outro (leia Mt 6,19!). Será diferente hoje?

**Uma das maiores lições deixadas por Israel tribal é a partilha.**

Diferentemente do latifúndio nas cidades-estado, os israelitas tinham como proposta fundamental a partilha da terra entre as tribos, os clãs e as famílias. No livro de Josué, são oito capítulos

inteiros para falar dessa “reforma agrária” (Js 13-21).

Leia Nm 26,52-56; 33,54 e Js 11 ,23!

A terra pertence somente a Deus. Nós não passamos de simples agregados de Deus (Lv 25,23; Sl 24,1). Por isso, ninguém pode se adonar da terra. Se é de Deus, todas as pessoas têm direito a dela fazer uso. Essa proposta de uso coletivo da terra pelos clãs e famílias foi colocada em prática pelos israelitas especialmente nas montanhas de Canaã.

A transmissão da terra se fazia mediante a herança (1Rs 21,1-3).

Também o ano sabático (Dt 15,1-11) e o ano jubilar (Lv 25,1-35) indicam uma sociedade fraterna. Um dos grandes objetivos das tribos foi construir um mundo em que “*não haja pobres em seu meio*” (Dt 15,4).

É muito significativo que na nova sociedade também as mulheres conquistaram um direito que só os homens tinham. É o direito ao uso da terra, mas somente quando não havia filhos homens na família. Confira isso em Nm 27,1-11; 36,1-12!

### Para você continuar a reflexão

Relacione os principais elementos das novas relações econômicas, fundamentando-os em textos bíblicos!

#### b) Poder partilhado

Um segundo pilar que sustentava a sociedade tribal eram as novas *relações políticas*. Nas cidades-estado, o poder era centralizado nas mãos dos reis. Era um poder absoluto, muitas vezes tirânico. As decisões vinham dos palácios, das cortes. Os reis se apresentavam como representantes das divindades. Diferentemente, em Israel, foram características políticas importantes do novo modelo social:

- Não havia rei.
- Não havia palácio.
- Não havia burocracia hierarquizada.
- Mas havia uma sociedade igualitária, baseada na solidariedade mútua e organizada a partir da base, das famílias aparentadas que se articulavam em clãs e estes, por sua vez, em tribos. Leia Nm 1,1-46 e constate esse jeito de organização em tribos, clãs e famílias!
- A autoridade era patriarcal e estava com os anciãos, homens líderes e com mais experiência acumulada, tanto nas famílias, como nos clãs e nas tribos.
- Também o poder era partilhado, embora somente entre os homens. Leia Ex 18,13ss! É um texto típico que sinaliza nessa direção. Mais uma vez, os vícios do poder centralizado no Egito permaneciam presentes. Moisés e o povo precisaram libertar-se de

**Em Israel também o poder era partilhado.**

les. Como conseguiram? Com a adoção da experiência do grupo que veio de Madiã, aqui representado por Jetro, sogro de Moisés. O poder em Israel era repartido entre as lideranças.

Confira ainda outros dois textos que falam do poder colegiado (Nm 11,10-30; Dt 1,9-18). Mas como era esse poder?

Leia Dt 17,14-20 e perceba que o poder experimentado pelos israelitas era muito diferente do poder dos reis cananeus descrito em 1Sm 8,10-17.

Em Dt 17,14-20, fica claro que a liderança que tivesse tal autoridade, de fato, nunca podia tornar-se um opressor. Senão vejamos:

- devia ser irmão do povo (v. 15);
- não devia ter exército grande (cavalos) nem levar o povo de volta à escravidão como no Egito (v. 16);
- não podia ter um harém com muitas mulheres, nem seguir os deuses das mulheres estrangeiras (v. 17; cf. 1Rs 11,3s);
- nem podia ter grandes riquezas (v. 17b);
- devia seguir a Lei de Deus (vv. 18ss).

Era rei um líder com estas características? É difícil. O exercício do poder não era feito a portas fechadas, mas os rumos do povo eram definidos em decisões participativas, em assembleias populares (Js 18,1-10; 24,1-28).

Se nas tribos nenhuma pessoa podia ser o rei, quem então era o rei? A resposta você encontrará em Jz 8,22s. É dessa experiência religiosa de que *somente Deus é rei* que nasceu a expressão “Reino de Deus”. E neste “reinado”, a cidadania plena certamente está na ordem do dia, de todos os dias.

**Se Jesus anunciou como centro de seu projeto o Reino de Deus, é porque propôs uma sociedade fraterna como na época tribal.**

Embora o exercício do poder ainda fosse patriarcal, a participação das *mulheres* era possível. Ocupavam espaço de liderança que lhes iria ser subtraído durante o reinado. Sinal disso é a liderança da juíza Débora.

Se você ainda não leu, então leia Jz 4-5! Os dois capítulos, um em prosa e o outro em poesia, descrevem os mesmos fatos.

Embora subvalorizados em comparação com os papéis do homem, os papéis sociais da mulher eram fundamentais:

- a procriação;
- a conservação e distribuição dos alimentos ao longo do ano;

- seu trabalho na produção de tecidos e outros objetos de artes a
- sua importância na transmissão da tradição das matriarcas, das parteras e outras tradições;
- seu auxílio na lavoura, especialmente nas colheitas.

É importante compreender que a casa na sociedade antiga não era, como hoje em dia, só lugar de consumo. Era muito mais. Era “indústria” doméstica, lugar de produção.

Confira Pr 31,10-31! O texto reflete a ambiguidade das experiências de mulheres numa cultura patriarcal. Por um lado, seus espaços são restritos, e o poder lhes é negado. Por outro lado, o texto descreve uma diversidade de experiências: mulheres trabalham com lã e linho (v. 13), no comércio (v. 14), na compra e venda de propriedades (v. 16), na administração de propriedades (v. 16), etc. Ou seja, elas atuavam em espaços públicos onde normalmente só os homens atuavam.

### Para você continuar a reflexão

1. Leia novamente Ex 18,13ss e anote a principal diferença entre o jeito que Moisés exerce o poder e a proposta de Jetro!

2. Compare Dt 17, 14ss com 1Sm 8,10-17 e caracterize as duas formas de exercer a autoridade!

### c) Leis a serviço da vida

Em terceiro lugar, analisemos o exercício da justiça, a aplicação da *lei*.

Nas cidades-estado, valia a lei do rei. Sua lei se confundia com sua vontade. E a profecia nos lembra que se praticava muito suborno na época dos reis. Muitos juízes decidiam a favor de quem os pagava (veja Am 5,7.12!).

**“Eu sou o YHWH,  
teu Deus, que te  
fez sair da terra  
do Egito, da casa  
da escravidão!”**

(Ex 20,2)

### *Juízes permanentes*

Já no projeto alternativo, temos os juízes tribais. Há os juízes ocasionais e os juízes permanentes. Sobre os *juízes ocasionais* falaremos adiante, quando tratarmos da questão do exército.



*Os juízes permanentes* julgavam as questões do povo, zelando pela observância das leis tribais. Eram eles os administradores da justiça. Entre eles, nós temos Samgar, Tola, Jair, Abesã, Elon e Abdon (Jz 3,31;10,1-5; 12,8-15).

### ***Que leis as tribos observam?***

Certamente, na época tribal ainda não havia leis escritas. As que temos hoje nas Escrituras, especialmente no Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia, foram escritas durante o reinado, o exílio e até mesmo depois do exílio. São inúmeras leis espalhadas especialmente nos livros do Êxodo, Levítico e Deuteronômio. Muitas delas são antigas e remontam à época tribal.

Entre os códigos legais, se destacam os 10 *mandamentos*. O decálogo pode ser encontrado em Ex 20,2-17 e em Dt 5,6-21. Embora seja importante para a ética de Israel, ele não pode ser considerado o resumo de todas as leis, pois muita coisa foi introduzida e extraída do decálogo durante a história de sua redação. Faltam temas centrais típicos de outros códigos legais e mesmo da profecia. Senão vejamos:

- Faltam as leis que se referem aos tabus, como a abstinência de determinados alimentos, questões referentes à pureza e impureza e os tabus sexuais.
- Faltam as leis referentes ao culto, aos sacrifícios, às primícias, aos dízimos, às festas, às peregrinações.
- Faltam referências à economia e ao Estado, como o comportamento dos súditos para com as autoridades, os impostos, o trabalho forçado, a guerra e o serviço militar.
- Faltam leis sobre o comportamento em relação aos excluídos, ao direito dos pobres, das viúvas, dos órfãos, dos forasteiros, dos surdos e dos cegos. Sua ausência é flagrante, pois são temas centrais no direito bíblico.

Por mais abrangentes que os dez mandamentos pareçam ser, de forma alguma eles se referem a todas as esferas da convivência e a todos os temas fundamentais da ética bíblica.

Mas, mesmo assim, tornaram-se referência importante na vida do povo de Israel e também na vida das igrejas. Por isso, pensamos ser conveniente abordá-los aqui.

Embora contenha também leis muito antigas, o decálogo, como o conhecemos hoje em Ex 20 e Dt 5, provavelmente surgiu na primeira metade do século VII, isto é, entre 700 e 650 a.C.

### ***Destinatários dos 10 mandamentos***

Tal como se encontram na Bíblia, os mandamentos se destinam a pessoas que têm pai, mãe (Ex 20,12) e filhos (20,10). Seus destinatários podem cobiçar mulheres (20,14.17), têm escravos e escravas (20,10), têm gado (20,10) e terra (20,12) próprios. O decálogo se dirige a varões adultos e livres, pois são aptos a participar num processo jurídico como testemunhas ou acusadores (20,16). Convivem com vizinhos que também possuem mulheres, casas, escravos e animais (20,17). Como se pode constatar, o decálogo não se dirige a crianças, nem a mulheres, nem a escravos e assalariados. Somente a homens adultos, aptos para práticas jurídicas e culturais, possuidores de terra, gado e escravos.

Esses são os destinatários do decálogo na época em que ele surgiu. São os camponeses livres da época pré-exílica (século VII a.C.), também conhecidos como “povo da terra”, e que têm força política no estado de Judá naquele momento, pois chegam a substituir o rei por seu filho, quando deposto (cf. 2Rs 21,24; 23,30). Há entre eles camponeses ricos e pobres, mas são homens livres, aptos para participar da vida política e religiosa de sua época.

De saída, você pode perceber que o patriarcalismo está fortemente presente. A autoridade e o direito à propriedade são direito de homens, inclusive a propriedade de mulheres. Deduz-se daí que o sistema patriarcal por si é opressor. É preciso, portanto, fazer uma leitura que leve em conta o contexto cultural daquele tempo.

Será que em nossos meios de formação da fé, a catequese, a confirmação, consideramos esses dados ao refletirmos sobre os 10 mandamentos? Será que não universalizamos leis que tinham destinatários bem específicos, arrancando-as de seu contexto e aplicando-as como um código de ética universal?

Mas é importante aqui refletirmos sobre o decálogo, especialmente por causa de seu prólogo, que faz referência à época do êxodo, a YHWH que libertou os hebreus da escravidão.

Faça agora o seguinte exercício: leia e compare as duas edições do decálogo! Vá devagar! Leia o prólogo em Êxodo (20,2) e em seguida no

Deuteronômio (5,6). Depois leia o primeiro mandamento em Êxodo e o compare com o primeiro no Deuteronômio! E assim por diante. Analise o que é igual e o que é diferente em cada um deles!

### ***Razão de ser do decálogo***

Como você pôde perceber, o prólogo do decálogo, tanto em Dt 5,6 como em Ex 20,2, é igual. Ele é a razão de ser dos mandamentos. É sua fundamentação teológica. É a causa que originou as leis em defesa da vida e ao mesmo tempo é o seu objetivo último. Diz o texto: “*Eu sou YHWH, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão!*”. Essas leis vêm daquele que tem a autoridade de quem libertou os hebreus das mãos do faraó. Ele doou a liberdade e a terra a seu povo. Por isso, visam fundamentalmente a duas coisas:

- impedir que, na experiência de liberdade conquistada na época das tribos israelitas, se reintroduzam novamente relações de exclusão tal qual no Egito;
- assegurar que a liberdade conquistada seja garantida.

Esse cabeçalho aos 10 mandamentos é como que a videira que sustenta os ramos. Sem aquela, estes secarão. Sem esta chave, os mandamentos não recebem mais a força de vida e liberdade que está na sua origem e que vem do próprio Deus. Por isso, cada mandamento deve ser colocado em relação direta com o prólogo, com YHWH, o Deus que concede vida na terra libertada.

### **Os dez mandamentos**

#### ***Os dois primeiros mandamentos se referem ao relacionamento com Deus***

Por um lado, o primeiro mandamento quer evitar que a diversidade de cultos, de divindades, seja motivo para gerar divisões na defesa do projeto fraterno. A fé num único Deus serve como elemento de unidade. Foi YHWH quem

“*Não terás outros deuses diante de mim ... Não farás para ti imagem [...]*”  
(Ex 20,3-6)

concedeu a liberdade e a terra aos israelitas. Voltar-se para outros deuses significava renunciar ao fundamento da própria liberdade, aderindo a deuses que, em vez de gerar liberdade, eram usados para legitimar o sistema das cidades-estado. Daí a exigência da fidelidade a YHWH.

Proíbem-se não só imagens de outros deuses, mas também imagens do próprio YHWH. A ação libertadora de Deus em favor de Israel não pode ser transformada em imagem ou representada por algum elemento da natureza. Junto com a observância do sábado, a proibição de imagens é uma prática particular de Israel. Não há paralelo na história das religiões. Embora, em tempos mais remotos, em Israel houvesse imagens também de YHWH (veja sobretudo Jz 17,1-4; 18,17s!).

Dito por Jesus sob outra forma, assim lemos em Mt 6,24: “Ninguém pode servir a dois senhores. Vocês não podem servir a Deus e à riqueza”.

A fidelidade ao verdadeiro Deus é religião com força libertadora.

O *segundo mandamento* quer evitar que se manipule Deus, encobrindo, em seu nome, o roubo, o suborno, a injustiça. Proíbe o falso juramento, o uso do nome de Deus para fins maléficose mentirosos.

“Não proferirás o nome de YHWH, teu Deus, para fins fraudulentos.”  
(Ex 20,7)

O nome é a identidade do próprio Deus. É sua essência. Seu nome é YHWH, aquele que está junto para libertar (Ex 3,1-15). É *Emanuel*, Deus conosco.

Os dois primeiros mandamentos querem assegurar a relação com o Deus mencionado no prólogo, aquele que concede liberdade.

Ao orarmos “*santificado seja o teu nome*” (Mt 6,9), comprometemo-nos com Deus na promoção da vida e da liberdade.

O *terceiro mandamento* está numa posição intermediária entre os primeiros mandamentos que estão relacionados com Deus e os mandamentos seguintes que se referem ao relacionamento com outras pessoas.

Esse mandamento quer fundamentalmente impedir que o povo fique sem descanso e santifique o sétimo dia simplesmente não trabalhando. O primeiro objetivo é o descanso, e não tanto o culto (veja ainda Ex 23,12; 34,21!). Dele devem participar não só o homem livre, destinatário do decálogo, mas também toda a sua casa: escravos, filhos, gado, a terra, etc.

É o mandamento mais extenso de todos, porque é central no decálogo.

Duas são as razões para a observância do sábado: para descansar assim como Deus o fez na criação (Ex 20,11; Gn 2,1-4a) e para lembrar a presença libertadora de Deus no meio de seu povo (Dt 5,15), como já anunciava o prólogo.

Para Jesus, a lei do sábado não pode gerar morte, mas deve promover a vida (leia Mt 12,1-14!).

As obras do trabalho têm de estar a serviço das pessoas, o trabalho em função da festa. Até que ponto nós vivemos apenas em função do trabalho? Até que ponto o trabalho está em função do lazer, da vida, da festa?

### ***A partir do quarto, os mandamentos se referem ao relacionamento entre as pessoas***

Com o mandamento de honrar pai e mãe inicia a série de regras sociais, que dizem respeito ao relacionamento com outras pessoas.

O mandamento anterior sobre o sábado e este são os únicos formulados positivamente. Não começam com “não...”. Exigem um agir determinado. Os demais exigem apenas que não se faça algo. Isso nos mostra que esses dois mandamentos estão em posição de destaque, de centralidade, no decálogo. Outra razão para a posição de destaque do quarto mandamento é o fato de que o mandamento de honrar pai e mãe se encontra também muito presente em outros códigos legais do Primeiro Testamento (Ex 21,15.17; Lv 19,3; 20,9; Dt 27,16).

O *quarto mandamento* não trata da relação de crianças com seus pais, mas da relação de pessoas adultas com seus pais e mães idosos. O centro da questão é o cuidado das pessoas idosas. É que naquele tempo não havia nenhuma espécie de amparo para eles fora do lar. Dependiam unicamente do amparo de seus filhos homens, uma vez que, naquela sociedade patriarcal, as filhas casadas, por via de regra, se integravam na família do marido.

O quarto mandamento defende, portanto, a segurança social e material das pessoas idosas. Isso significa:

- fornecer-lhes alimentação, vestuário e casa até a sua morte;

***“Lembra-te do dia do sábado, para santificá-lo [...]”***  
(Ex 20,8-11)

***“Honra teu pai e tua mãe.”***  
(Ex 20,12)

- ter um tratamento digno e um comportamento respeitoso para com eles;
- dar-lhes um sepultamento digno.

Também esse mandamento tem tudo a ver com o tema central do prólogo: a liberdade e a dignidade, concedidas por Deus, devem valer também para a idade mais avançada, quando as pessoas idosas, talvez já doentes e fragilizadas, dependiam unicamente de seus filhos.

É essa também a prática de Jesus no que diz respeito às pessoas idosas. Veja Mt 15,1-9!

Em hoje, qual é o lugar que têm as pessoas idosas na sociedade?

A partir do *quinto mandamento*, o tema principal é a *preservação da própria liberdade* através do respeito à *liberdade do próximo*, já que ela foi doada por YHWH tanto a um quanto a outro. Trata-se de não tirar do outro aquilo que a própria pessoa tem: a vida (5º), a esposa (6º) e sua propriedade (7º ao 9º/10º).

“Não matarás.”  
(Ex 20,13)

O primeiro dos mandamentos relacionados ao respeito à liberdade do próximo tem como tema a vida, pois ela é o pressuposto de todo o resto. O verbo aqui empregado quer dizer matar um inocente, isto é, cometer um homicídio ilegal e arbitrário, assassinar violentamente uma pessoa.

É proibido por este mandamento:

- assassinar um israelita livre;
- assassinar pessoas socialmente fracas (1Rs 21);
- assassinar viúvas, órfãos, forasteiros (Sl 94,5-6);
- assassinar pobres e miseráveis (Jó 24,14);
- estuprar moças, pois é o mesmo como matá-las (Dt 22,26).

Não devem estar incluídas neste mandamento as formas legais de morte, como a pena de morte existente na época (Ex 21,12-17; Nm 35,30), e a morte de alguém como ação legítima de vingança de sangue (Nm 35,27). O vingador de sangue é parente próximo da vítima e protetor do direito de seus parentes (Gn 4,15; 9,6; Nm 35,16-21; Dt 19,12). É bom ter presente que ainda são limites culturais da época e que não fazem mais sentido hoje.

O quinto mandamento, visto a partir do prólogo, combate todas as formas de comportamento que, direta ou indiretamente, ocasionam a morte de outras pessoas. Defende, portanto, o direito fundamental que todas as pessoas têm à vida. Quer assegurar a liberdade e a vida concedidas por YHWH.

Atento a esse mandamento, Jesus assim define sua missão: “*Eu vim para que todos tenham vida em abundância*” (Jo 10,10).

O *sexto mandamento* quer proteger a vida do israelita livre e de sua família. Destina-se a homens, proibindo-os de invadirem outro matrimônio, de relacionar-se com uma mulher casada ou legalmente comprometida. Repare que este mandamento não se refere às relações sexuais antes do casamento, nem às de um homem casado com uma mulher ainda livre, não casada.

“Não cometerás  
adultério.”  
(Ex 20,14)

Para entender o destaque dado à proteção do matrimônio do próximo, é preciso entender a função e a importância da família naquela sociedade. Viver dignamente só era possível no seio de uma família. Como a família era praticamente autônoma economicamente, pois produzia todo o necessário para sua sobrevivência, só ela podia dar condições de vida para seus integrantes.

Em caso de adultério, essa segurança estava ameaçada, pois, naquela sociedade patriarcal, representava uma ameaça ao direito do vizinho sobre sua esposa.

Por isso, pode-se entender o rigor da lei diante do adultério (Lv 20,10; Dt 22,22s). Adulterar era uma questão de vida ou morte. A pena de morte estava prevista tanto para o adúltero quanto para a cúmplice.

Veja a prática de Jesus frente a um caso de adultério, quando os homens queriam matar apenas a mulher (Jo 8,1-11).

A partir do *sétimo mandamento*, temos as leis que protegem a propriedade do próximo. Ter acesso à terra era o contrário da “casa da escravidão”. Perder a propriedade significava uma volta à escravidão, como se pode ver em Ne 5,1-5 e Am 2,6. Garantir a dignidade na terra concedida por YHWH é o tema do restante dos mandamentos.

“Não furtarás.”  
(Ex 20,15)

O sétimo mandamento quer evitar todas as formas de furto contra o próximo e sua propriedade. Também ele se dirige a homens com cidadania plena. O mandamento proíbe que alguém aumente sua propriedade privando outro desse mesmo direito. Propõe uma sociedade em que todas as pessoas têm acesso aos bens necessários à vida, à propriedade.

Jesus condena o acúmulo (Lc 12,13-21), pois sabe que só a partilha permite a todos o direito ao essencial para viver (Mc 6,30-44). Por isso, pediu que orássemos assim: “O pão nosso de cada dia nos dá hoje” (Mt 6,11). Jesus não disse o pão “meu”, nem o pão de “todo o ano” nos dá hoje. Riqueza acumulada só serve para alimentar as traças (Mt 6,19).

O *oitavo mandamento* combate um sistema de mentira, de corrupção e suborno no exercício da justiça, onde sempre ganha quem paga mais (veja Is 1,23; Am 5,7; 6,12; Mq 3,1-4!).

**“Não declararás  
contra teu próximo  
como testemunha  
falsa.”**  
(Ex 20,16)

Acusar falsamente e testemunhar de forma mentirosa é subtrair um direito de alguém, inclusive o direito à sua propriedade e sua família. Esse mandamento quer evitar as frequentes distorções do direito e da ordem jurídica, como

atestam inúmeros textos (Ex 23,1-9; Lv 19,15; Dt 16,19s; 19,16s; 1Rs 21,10.13; Is 10,1s).

Também Jesus coloca a verdade acima de tudo (confira Mt 5,37; Jo 8,32!). É a verdade que liberta.

“*Casa*” significa aqui a totalidade da casa, do espaço de vida, da proprie-

**“Não cobiçarás  
a casa do teu  
próximo.”**  
(Ex 20,17)

dade e das pessoas que fazem parte da casa. Em outras palavras, tudo o que pertence ao próximo. Note-se que o patriarcalismo está fortemente presente nessa cultura, pois a esposa era considerada uma das propriedades de seu marido.

O *nono* e o *décimo mandamentos* radicalizam o sétimo. Se lá se proíbe roubar, aqui se proíbem a ganância, o desejo, a própria tentação de roubar. Corta o mal pela raiz, condenando todo sistema ideológico que promove o desejo de ter (Is 5,8; Mq 2,2).

Tanto Ex 20,17 como Dt 5,21 querem descrever a totalidade da propriedade, do espaço de vida na liberdade concedida por YHWH, segundo o prólogo do decálogo. Cobiçar (desejar e colocar em prática o desejo) a



propriedade que assegura a base de vida do próximo e de sua família, é o que este mandamento quer evitar.

A riqueza acumulada e “*o amor ao dinheiro são a raiz de todos os males*” (leia 1Tm 6,10!) ontem e hoje.

Numa sociedade liberta da opressão dos reis cananeus e do faraó, embora ainda patriarcal, como em Israel na época dos juízes, o sétimo e estes últimos mandamentos querem garantir a fraternidade, de modo que ninguém roube seu irmão para enriquecer, enquanto o outro empobrece.

Resumindo, podemos dizer que o decálogo quer defender e promover o sistema igualitário, a vida e a liberdade conquistadas. Os mandamentos enumeram as condições, as exigências elementares, para preservar a liberdade concedida por YHWH e descrita no prólogo. Querem evitar o desmantelamento de Israel como povo livre.

Originalmente, o decálogo foi um conjunto de regras para a preservação da liberdade e se destinava a pessoas libertas. De forma alguma, o decálogo quis ser um instrumento de subjugação, de domesticação e de privação da liberdade.

A forte experiência do Deus que concede liberdade continua sendo para nós uma força na caminhada em busca daquilo em que acreditamos: “*um outro mundo é possível*”.

### **Para você continuar a reflexão**

1. Por que é importante levar em conta o prólogo do decálogo em relação a cada mandamento?
2. Escolha entre os mandamentos aquele que mais lhe chamou a atenção e faça seus comentários sobre seu significado para hoje!

### **d) Fé no Deus libertador**

Um quarto pilar que serviu de esteio para o sistema tribal é a *religião*. Se podemos comparar as relações econômicas, políticas e legais aos tijolos de uma construção, certamente o cimento que os ligava entre si foi a mística, a espiritualidade, foi o jeito de viver a fé no Deus da vida.

*Optar por um  
único Deus para  
optar por um  
projeto único,  
fraterno.*

## *Um Deus que liberta*

Uma das características fundamentais da religião das tribos de Israel foi a *crença num único Deus, libertador, doador de vida e liberdade* (Ex 3).

Seria interessante que você lesse de novo os parágrafos anteriores que tratam dos dois primeiros mandamentos. Definem como devia ser a nova relação com esse Deus.

Em Israel, houve um esforço para superar o politeísmo, isto é, a crença em várias divindades. A contínua insistência dos textos bíblicos, exigindo a fidelidade a um único Deus, já é sinal claro de que havia dificuldades neste campo (Ex 20,2-11; Js 24,1-15). Desde a formação do povo até o exílio do século VI a.C., ou pelo menos até o rei Josias (640-609 a.C.), o politeísmo existia em Israel. É especialmente o profeta Isaías do exílio na Babilônia (Is 40-55) que elabora a teologia monoteísta.

Na assembleia de Siquém, as tribos fizeram a opção por YHWH.

Essa opção não se fez por acaso. E a razão é porque foi com a força da fé em YHWH que o povo conquistou a liberdade e a terra. Mas, como já vimos acima, a luta pela superação do politeísmo existente entre as tribos acompanhou a caminhada de Israel durante séculos.

A passagem para o monoteísmo, isto é, a crença num único Deus, era de fundamental importância. Em vez de dividir, ele une. Em vez de espalhar, ajunta. Optar por um único Deus significa optar por um projeto único, fraterno.

A exigência de Josué de se comprometer com um único Deus (Js 24,1-15) levou à exclusão de outras experiências religiosas, inclusive das divindades femininas. É possível que se tenha insistido tanto a fim de garantir o projeto tribal, solidário.

Na sociedade tribal, o jeito de viver a fé no Deus criador de vida e de relações incluídas certamente tinha muitas formas, muitas cores, muitos rostos. É provável que a imposição do Deus onipotente, masculinizado e autoritário somente tenha acontecido no reinado a partir da teologia do templo.

## *Templo, culto e sacerdotes*

É interessante notar também que nas tribos havia vários santuários com seus cultos e sacerdotes. E *não havia templo central com culto e sacerdotes*. Só

mais tarde, o rei Davi centralizou a arca da Aliança em Jerusalém (2Sm 6). E o rei Salomão é quem construiu o templo oficial de Jerusalém (1Rs 6). Mas somente o rei Josias, em 620 a.C., centralizou o culto em Jerusalém, destruindo os santuários do interior, destituindo seus sacerdotes e proibindo o culto fora de Jerusalém (veja 2Rs 23,4-20!).

A *arca da Aliança*, que continha o decálogo, era sinal da presença de Deus no meio de seu povo (Ex 25,10-22). Não estava fixa a algum santuário. Podia ser encontrada nos santuários de Siquém (Js 8,33), de Guilgal, depois da travessia do Jordão (Js 3-4), de Betel (Jz 20,26-28), de Silo (1Sm 1-3). Nas caminhadas do povo, seja em direção à terra prometida, seja nas guerras, a arca ia na frente, como guia, proteção e salvação ao mesmo tempo (Nm 10,33; Js 6; 1Sm4-6).

A arca da Aliança não era uma representação de Deus. Aliás, o primeiro mandamento proibia imagens de Deus, pois YHWH não pode ser reduzido a algum elemento da natureza. O Deus da vida a tudo transcende. A arca era como que o lugar simbólico onde a presença de YHWH podia ser sentida, visualizada. Era como que o pedestal sobre o qual Deus se fazia presente de forma invisível.

*Isso nos faz pensar na importância do símbolo, de algo concreto, objetivo, na nossa experiência de fé. O símbolo atinge mais profundamente nossa alma, nosso sentimento e nos ajuda a experimentar o infinito no finito, invisível no visível, o espiritual no concreto. Até que ponto valorizamos os símbolos na nossa prática eclesial?*

Quanto aos *sacerdotes*, convém ressaltar que eles não podiam ser latifundiários, como nas cidades-estado (Gn 47,22). Quando Dt 18,1-8 fala dos direitos dos sacerdotes levíticos, diz que não podiam ter herança, isto é, terra. Veja também Js 20,1-8! Por não terem terra, os sacerdotes levíticos tinham direito a cidades para morar, junto com os arredores para servirem de pastagem aos seus rebanhos.

Os sacerdotes atuavam em santuários espalhados pelo interior: em Tabor (Jz 4,6.14), em Silo (1Sm 1,3; 3,1ss), em Betel (Jz 20,26ss), em Guilgal (Jz 3,19; 1Sm 11,15). Eram sacerdotes familiares ou tribais (Jz 17-18), uma

espécie de capelães da roça, algo parecido com que hoje chamamos de “animadores”.

Mas não havia sacerdotisas como nas religiões cananeias e egípcias. Na religião de YHWH, os traços patriarcais ainda continuam marcantes. Excluem as mulheres da participação no culto oficial, sacerdotal, relegando sua religiosidade para o âmbito privado, a casa. No entanto, alguns traços femininos são incorporados na experiência com YHWH, como a maternidade e a procriação. Para conferir isso, leia Sl 131; Is 49,15; 66,7.13; Os 11,1-5!

O saber, portanto, não era centralizado em palácios e templos ou na pessoa do sacerdote. Os pais partilhavam desde cedo com os filhos a sabedoria e o segredo da fé (leia Dt 6,4-9.20-25!).

### **Para você continuar a reflexão**

1. Qual o sentido da opção por um único Deus?
2. O que significava a arca da Aliança para o povo?

### **e) Exército popular de defesa**

Por último, é preciso verificar como era o *poder militar* em Israel tribal.

### ***Guerras de conquista ou guerras de defesa?***

*Em época de guerra, dos seus instrumentos de trabalho os camponeses faziam também armas para se defender. Após a luta, os mesmos instrumentos passavam a exercer sua verdadeira função, isto é, gerar alimentos para o povo. Depois da batalha, tal como as armas, tanto os juízes ocasionais quanto os combatentes voltavam a trabalhar na roça.*

Nas cidades-estado, o exército serve, por um lado, para garantir a estabilidade do sistema, reprimindo a população, e, por outro, para fazer guerra de conquista. A guerra de conquista tem como objetivos acumular territórios, saquear riquezas e escravizar os povos conquistados.

Nas tribos, as guerras raramente eram de conquista. Eram mais *guerras de defesa*. O exército era popular e de voluntários.

Há uma diferença fundamental entre guerra de conquista e guerra de defesa. Aquela visa a interesses imperialistas, enquanto esta quer defender um projeto alternativo baseado em relações de justiça.

Na época tribal, não havia exército profissional em Israel. Somente diante da ameaça de algum inimigo externo, os *juízes libertadores* articulavam a resistência. Sua ação era movida pela *força do espírito* (confira Jz 6,3; 11,29; 13,25; 14,6!). O espírito é a porta de entrada por onde Deus se introduz na história, sem suplantando a ação das pessoas. O povo de Israel cresceu com esta consciência durante o período dos juízes.

O exercício da autoridade em Israel certamente era muito parecido com o dos povos indígenas. Dos índios tupinambá, os colonizadores diziam: “*gente sem fé, sem lei e sem rei*”. [...] E explicavam: “*Só têm chefes em tempo de guerra. [...] Esses ditos chefes carecem de qualquer poder. Têm autoridade provisória e seu prestígio pessoal depende da sua capacidade de doar-se aos outros. Quanto mais se sacrificam pelo conjunto, mais podem pedir que se lhes obedçam. Caso contrário, as aldeias os destituem no mesmo dia. Percebemos que todos fogem dessa possibilidade de ser chefe porque é exigente demais e disso não se obtém nenhum benefício pessoal. Ao contrário, o escolhido para liderar tem, de tal forma, de se dispor a dar tudo o que possui e ser tão disponível para os outros que, na prática, se torna o mais desvalido dos membros da tribo. A generosidade dele chega a ser de um escravo*”.

O livro de Juízes guarda a memória de seis desses *juízes ocasionais*. São eles: Otoniel (3,7-11), Aod ou Eude (3,12-30), Débora (4-5), Gedeão (6-8), Jefté (11-12) e Sansão (13-16).

A linguagem do profeta Joel, embora tenha atuado vários séculos após, define bem como os camponeses eram convocados diante da necessidade de se defender contra um exército inimigo: “*De vossas relhas forjai espadas e de vossas podadeiras, lanças.*” (Jl 4,10). Depois da batalha, é isto que ocorria: “*Das espadas forjarão arados e das lanças, podadeiras.*” (Mq 4,3; Is 2,4). Dos seus instrumentos de trabalho os camponeses também faziam armas para se defender. Após a luta, os mesmos instrumentos passavam novamente a exercer sua verdadeira função, isto é, gerar alimentos para o povo.

Tal como as armas após a batalha, tanto os juízes ocasionais quanto os combatentes, todos voltavam a trabalhar na roça.

### ***As mulheres estão junto nas lutas do povo***

Convém aqui voltar a frisar que as *mulheres* cumpriam, na sociedade tribal, um papel com uma participação mais efetiva que na sociedade tributária, a tal ponto de a juíza Débora comandar a guerra de defesa contra uma coligação de reis cananeus. Assim também Miriam, irmã de Moisés, teve um papel de liderança no êxodo (Ex 15,20). Lembre-se também de Raab (Js 2,8-21; 6,22-25) e de Jael (Jz 4,17-22; 5,24-27), ou da mulher que feriu de morte a Abimelec (Jz 9,50-55).

Mas é bom não esquecer que a cultura patriarcal prevalecia, mesmo no tribalismo. Embora com mais direitos que nas cidades-estado, as mulheres não saíram da “casa da escravidão patriarcal”. O mesmo vale também para os filhos, especialmente as filhas.

### ***As lutas em defesa da vida são “guerra santa”***

Para as tribos, a experiência de luta, as guerras de defesa são uma forte experiência de Deus. Daí por que a guerra é chamada de “*guerra santa*”. A defesa da terra, da produção, da liberdade, da descendência, passou a ser o eixo da experiência de Deus. YHWH se tornou militante, lutador. Não é por acaso que o nome do povo seja *Israel*, o que significa “*Deus luta*”. E também não é por acaso que YHWH é o “*Deus dos exércitos*” (1Sm 17,45; 2Sm 5,10).

Mas para defender sua vida, foi necessário que as tribos também atacassem cidades-estado que as oprimiam, a fim de consolidar um outro sistema de sociedade.

No contexto da *guerra*, convém lembrar ainda que a *lei do anátema*, do extermínio, cumpre uma função importante (confira Dt 13,13-19; 20,10ss; Js 6,17-21!).

Segundo essa literatura deuteronomista mais tardia, três são as motivações fundamentais para a prática da lei do extermínio total dos ídolos e das riquezas dos reis vencidos. A lei do anátema quer:

- evitar que a idolatria entre na vida do povo, criando divisões legitimadas por esses mesmos ídolos;
- manter a igualdade entre os membros das tribos;

- impedir que os combatentes se apropriem das riquezas, enriquecendo a uns em detrimento de outros. Podiam apenas saquear para matar a fome.

### Para continuar a reflexão

O que lhe chamou mais a atenção no item sobre o exército popular de defesa? Por quê?

#### f) Quadro comparativo: Sistema dos reis X Sistema tribal

Com algumas adaptações, o quadro comparativo que segue foi tirado do livro “*Como ler o Livro de Josué*”, Ivo Storniolo, Paulus, p. 30-31.

Sistema Egípcio e Cananeu	Sistema Tribal
A. Sociedade desigual, fundada no interesse particular e organizada a partir de cima: rei-funcionários-notáveis-soldados-camponeses e artesãos (Js 11-12).	A. <i>Sociedade igualitária</i> , fundada no interesse comum e organizada a partir da base: família patriarcal-clã-tribo (Nm 1,1-2,34).
B. <i>Exploração da força de trabalho</i> . A terra pertence ao rei, e o povo é obrigado a trabalhar sob as duras condições impostas pelo rei, que se apropria do excedente da produção dos camponeses (Ex 5,6-18).	B. <i>Autonomia produtiva</i> . A terra pertence ao povo e é distribuída entre as famílias ou grupos. Proíbe acumulação (Ex 16) e celebra o ano jubilar e o ano sabático, para devolver a terra aos seus antigos donos (Lv 25; Dt 15,1-18).
C. <i>Poder centralizado no rei</i> . O rei é dono de tudo e decide sobre tudo (1Sm 8,10-17).	C. <i>Poder participado</i> . As decisões são tomadas pelos anciãos (chefes de família, de clã e de tribo). Grandes decisões são tomadas em assembleias do povo (Ex 18,13-27; Nm 11,16-25; Js 24).
D. <i>Exército estável de mercenários</i> . O rei mantém exércitos regulares,	D. <i>Exército ocasional improvisado</i> . Para se defenderem, as tribos se

que lhe garantem a dominação e a repressão (1Sm 8,11-12).

E. *As leis defendem os interesses do rei.* Graças ao seu poder, a palavra do rei é lei para o povo (Ex 1,8-10.22; 5,6-9).

F. *Vários deuses*, manipulados e impostos pelo rei, a fim de legitimar e promover a exploração e a opressão: Baal, outros (Js 24,14-15).

G. *Culto centralizado para celebrar mitos* que legitimam o poder do rei. Poderoso meio de dominação, sujeito a um esquema rigoroso. Nada deve mudar (1Sm 5; 1Rs 11,1-8).

H. *Sacerdotes e sacerdotisas a serviço do sistema.* Os sacerdotes, ricos e donos de terra, são também os intermediários entre o povo e os deuses, colocando-se inteiramente a serviço do sistema (Gn 47,20-22).

reúnem e organizam suas forças para lutar contra o inimigo comum (Jz 4,6-10).

E. *As leis defendem a igualdade.* Os mandamentos preservam a liberdade conquistada (Ex 20,2-17; Dt 5,6-21).

F. *Fé unicamente em YHWH*, o Deus libertador que promove a liberdade e a vida, através da fraternidade e da partilha (Ex 3,1-15; 22,20-26; Dt 24,6-22).

G. *Culto descentralizado para celebrar a vida e a história.* Realizado nas famílias e depois nos santuários, celebra a presença e a ação de Deus na vida (Ex 19,1-18; Dt 26,1-11; Js 24,1-28; Jz 17).

H. *Sacerdotes-levitas a serviço do povo.* Exercem uma liderança que não permite a acumulação de bens. Não podem ter terras e vivem de seu trabalho, ao lado dos pobres e necessitados (Nm 18,20; 35,1-8; Dt 12,12.18-19; 14,27; Js 13,14). Mas não havia sacerdotisas.

### Para continuar a reflexão

Entre os dois projetos em disputa, quais os aspectos que você considera mais importantes no sistema tribal?



## Conclusão

### *O Êxodo nas Escrituras*

Ao concluirmos este volume, poderíamos dizer que a partilha da terra é o coração da experiência tribal. O clã é o esqueleto. A tribo constitui a musculatura e os tecidos. A cabeça do corpo é a fé em Deus que guia o povo, através das lideranças, dos anciãos e juízes.

Assim, chegamos ao final dessa peregrinação pelos caminhos que levaram à formação das tribos de Israel. Temos consciência de que muitas questões ficaram em aberto. Mas aqui não foi nosso objetivo esgotar o estudo sobre o assunto. Você poderá continuar, aprofundando esse período ímpar e único em toda a história de Israel, lendo algo da literatura sugerida no final deste volume.

Durante aproximadamente 200 anos (1200-1000 a.C.), coexistiram em Canaã dois modelos bem diferentes de organização social. Um era um projeto de exclusão. O outro de inclusão. Os reis filisteus e cananeus dominavam as planícies da região e muitas cidades fortificadas nas montanhas, enquanto os israelitas viviam livres especialmente nas montanhas.

As características do sistema tribal, que analisamos acima, foram vividas com altos e baixos. Não chegaram a concretizar na totalidade o ideal de vida fraterna. Mas chegaram a fazer boa parte do caminho.

Dois séculos passaram e a implantação da monarquia em Israel por Saul e Davi iria destruir esse sistema igualitário pelo qual o povo tanto lutara. O reinado significou, na verdade, uma volta ao mesmo sistema das cidades-estado cananeias, uma volta ao Egito.

Será, então, missão da profecia fazer memória da época tribal e vir em defesa das vítimas da violência dos reis em Israel.

Por que foi suplantada a experiência tribal? Como o reinado se impôs? A quem interessava? Foi pacífica essa mudança de sistemas? Houve re-

***A experiência de Deus no êxodo se tornou o eixo fundamental de toda a Escritura.***

sistência? De quem? Essas e outras questões vamos deixar para o próximo volume.

Quando, hoje em dia, um povo se liberta da dominação de países estrangeiros ou mesmo de ditaduras, as datas desses eventos se tomam praticamente sagradas para esses povos. Vejamos o caso brasileiro. Três dos feriados nacionais celebram eventos libertadores ou lembram pessoas que buscavam a libertação do Brasil. O 21 de abril lembra a execução de Tiradentes. E todos sabemos que ele representa a luta pela independência de nossa colônia da dominação de Portugal. O segundo feriado, 7 de setembro, celebra a proclamação da independência do Brasil. Já o terceiro, 15 de novembro, é uma celebração do fim do sistema monárquico, dando início à República Federativa dos Estados do Brasil.

Por um lado, podemos até pensar que tanto a proclamação da independência quanto a proclamação da República foram manipuladas pelas elites para, na verdade, continuarem no poder. Por outro lado, convém lembrar que eventos libertadores do passado passam a ser celebrados como memória perigosa que alimenta a esperança do povo hoje, para conquistar a liberdade que ainda não chegou.

Também na Bíblia, os eventos libertadores adquirem uma importância singular. A experiência do êxodo, a fé no Deus libertador, tornou-se o coração de todas as Escrituras. Como vimos, todos os grupos que participaram da formação de Israel fizeram suas experiências de êxodo, de libertação. No êxodo dos hebreus do Egito, todos os demais grupos viram incluídas as suas experiências de libertação. Assim, o êxodo se tornou o eixo central, a memória perigosa de todas as Escrituras Sagradas.

Podemos conferir isso até mesmo no livro do Gênesis. Ele está colocado antes do livro do Êxodo, mas foi escrito depois dessa experiência na qual o povo de Israel viu sua origem.

Leia Gn 12,10ss!

A fome é a razão que levou ao Egito tanto a Abraão e Sara como a família de Jacó, Lia, Raquel, Bala ou Bila e Zelfa ou Zilpa. Num primeiro momento, os descendentes de Jacó vivem uma fase de prosperidade, tal como Abraão junto ao faraó. Num segundo momento, são escravizados, tal como Sara no harém do faraó. Tanto num quanto noutro caso, Deus in-

tervém com pragas em favor dos escravos, agindo em favor da libertação que tanto um quanto o outro alcançam, carregando bens dos egípcios.

O fato de os redatores finais de Gênesis colocarem esse texto como uma das portas de entrada às histórias dos pais e das mães significa que estão propondo aos leitores que interpretem as suas histórias na perspectiva do êxodo.

Também para a profecia, o êxodo e a experiência tribal foram sempre o parâmetro para avaliar o reinado e anunciar uma sociedade alternativa.

As comunidades cristãs primitivas apresentaram Jesus como sendo o novo Moisés e, ao mesmo tempo, muito mais do que Moisés. Vejamos:

<b>Moisés</b>	<b>Jesus</b>
foi salvo da “espada” do faraó (Ex 1,15-2,10)	foi salvo da espada do rei Herodes (Mt 2,16ss)
junto com os hebreus, fez a caminhada pelo deserto	também fez a mesma caminhada (Mt 2,15)
jejuou durante 40 dias e 40 noites (Ex 24,18)	também jejuou durante 40 dias e 40 noites (Mt 4,2)
o povo peregrino foi tentado no deserto (Ex 32)	também Jesus foi tentado no deserto (Mt 4,3-11)
no monte, Moisés recebeu a lei da primeira Aliança (Ex 19,3)	sobre o monte, Jesus anunciou a segunda e definitiva Aliança (Mt 5,1ss)
na Páscoa, que celebra a presença libertadora de Deus no evento do êxodo, se sacrificou um cordeiro (Ex 12)	foi na principal festa judaica; na Páscoa, que Jesus foi o cordeiro executado (Mc 14,1ss)

E se vamos para o último livro da Bíblia, o Apocalipse, aí vemos uma literal releitura do êxodo, com a reedição das pragas, tendo em vista o fim de toda opressão.

Além disso, é bom que não se esqueça que Jesus anunciou novos tempos. E, ao anunciar o Reino de Deus, ele lembrou a forma de vida da

época tribal. Por isso, veio trazer a libertação de todo e qualquer tipo de opressão (Lc 4,18s). Propôs relações fraternas, uma religião a serviço da vida (Mc 3,1-6), bem como a partilha não só do pão (Mt 14,14-21), mas também do poder (Jo 13,1-17), inclusive na igreja. Ao chamar, simbolicamente, a si os 12 apóstolos, Jesus sinaliza em direção às 12 tribos de Israel.

E hoje o êxodo não é apenas um acontecimento de um passado distante. Ele é também um processo permanente na história do povo de Deus. Dessa forma, o povo evita acomodarse, buscando continuamente a conversão.

Assim como nas diferentes etapas da história do povo de Israel o êxodo é continuamente retomado, assim também as comunidades que foram surgindo depois da ressurreição de Jesus tinham como centro de sua vida a espiritualidade do êxodo. Da mesma forma, nossas comunidades de hoje também buscam na memória do êxodo as forças necessárias para a caminhada, na tentativa de reviver a experiência de vida com liberdade da época das tribos.

### **Para você continuar a reflexão**

1. Israel conseguiu unificar os diferentes movimentos populares de seu tempo. Quais são as lições para a articulação dos movimentos sociais de hoje?

2. Tendo presente todo o estudo deste volume, por que é importante lembrar a experiência dos quilombos ao falarmos da formação de Israel?

3. Qual a mensagem principal que a experiência tribal em Israel deixou para sua vida?

## Sugestão de leitura

Para você continuar aprofundando o assunto sobre a vida das tribos, sugerimos que leia os seguintes números da Série “A Palavra na Vida” publicada pelo CEBI:

05: “*A mulher na memória do êxodo*” de Ana Flora Anderson e Gilberto Gorgulho.

21: “*Projeto de Javé*” da Equipe de Catequese de Santarém/PA.

49. “*A formação social do Israel pré-estatal*” de Carlos Arthur Dreher.

87: “*O livro de Juízes*” de Carlos Arthur Dreher.

98: “*Povo, memória do passado caminho pro futuro*” de vários autores.

No livro “*A história de Israel a partir dos pobres*” de Jorge Pixley, Editora Vozes, os capítulos 1 e 2 se referem ao tema deste volume.

Há também um vídeo de 35 minutos da Verbo Filmes sobre este tema: “Em busca da terra prometida” (Verbo Filmes, Rua Verbo Divino, 691, São Paulo/SP, CEP 04719-001).

Sobre o Êxodo, você pode ler o número 16 da *Revista Estudos Bíblicos* da Editora Vozes.

Sobre os Dez Mandamentos convém ler “*Os Dez Mandamentos: ferramenta da comunidade*”. Carlos Mesters, Paulus, e “*Preservação da Liberdade*”. Franck Crüsemann, CEBI.

*Uma introdução à Bíblia* é uma coleção com 8 volumes. Com ela, pretende-se aproximar o leitor às Escrituras para percorrer o caminho com o povo da Bíblia ao longo de sua história, situando nela o surgimento dos livros bíblicos.

A formação do povo de Israel continua o percurso pelo mundo das Escrituras e ajuda a entender melhor a formação de Israel e suas origens, bem como sua organização em forma de tribos.



[www.cebi.org.br](http://www.cebi.org.br)

ISBN: 978-85-7733-134-5



978-85-7733-134-5